

VOL. VII - Nº 08 - 2022

ISSN 2676-0398



# kapiiuara

## NESTA EDIÇÃO:

ALBERTO G. BIANCHI  
ARACELI CHACON  
ARAGUÁI GARCIA  
CLEBER J. FALQUETE  
EUDES QUINTINO JR.  
FABIO PORTA  
HYGIA T. C. FERREIRA  
ISABEL P. HERNANDES  
JOÃO ROBERTO SÁES  
JOCELINO SOARES  
JOSÉ LUIZ B. JACOB  
LORENI F. GUTIERREZ  
PATRÍCIA REIS BUZZINI  
PÉRSIO L. MARCONI  
ROSALIE GALLO  
SAMIR FELÍCIO BARCHA

ACADEMIA CONVIDA PARA PROSA

Douglas Tufano  
e a Semana de 22

ACADEMIA CONVIDA PARA ARTES

Ensaio fotográfico  
de Jorge Maluf

ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

A poesia de  
Vera Mussi Hage

Lexio  
Junior

# E<sub>x</sub>pediente

Copyright © by Editora In House, 2022

## Elaboração da ficha catalográfica

Gildenir Carolino Santos  
(Bibliotecário)

## Revisão

Eudes Quintino de Oliveira Júnior,  
Pérsio Marconi e Rosalie Gallo y Sanches

## Editoração e acabamento

Editora In House

## Imagens e fotos

[www.freepik.com](http://www.freepik.com)  
Acervos históricos

Catálogo Internacional na Publicação (CIP)  
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Kapiiuara [recurso eletrônico]. – v.1, n.1 (2016-). – São José do Rio Preto: ARLEC - Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, 2016-  
1 recurso online: il.

Periodicidade semestral.  
Revista Literaria e Cultural da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.  
e-ISSN 2676-0398.  
Disponível apenas online.

1. Contos brasileiros – Periódicos. 2. Prosa brasileira – Periódicos.  
3. Cultura – Periódicos. 4. Literatura brasileira – Periódicos.  
I. Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

P21-002

CDD – B869.05



Publicação semestral  
on-line da **ARLEC -  
Academia Rio-pretense  
de Letras e Cultura.**

End.: Praça Jornalista Leonardo  
Gomes, 01 - Centro  
Centro Cultural Professor  
Daud Jorge Simão  
São José do Rio Preto - SP  
CEP: 15061-010

E-mail: [arlecriopreto@gmail.com](mailto:arlecriopreto@gmail.com)

Site: [www.arlec.com.br](http://www.arlec.com.br)

Siga-nos nas redes sociais

Jornalista responsável /Revisão gramatical:

**Cecília Demian - MTB 39.119**

Projeto gráfico: **Márcio Martelli**

Edição: **Editora In House**

|| 99903-7599



Presidente:

**Alberto Gabriel Bianchi**

1º Vice-presidente:

**Rosalie Gallo y Sanches**

2º Vice-presidente:

**José Luiz Balthazar Jacob**

1º Secretária:

**Loreni Fernandes Gutierrez**

2º Secretária:

**Maria Helena Curti**

1º Tesoureiro:

**Antonio Florido**

Diretor Cultural:

**Araguaí García**

Diretor de Patrimônio:

**Lelé Arantes**

Conselho Fiscal:

**Norma Vilar**

**Jocelino Soares**

**Vera Márcia P. Milanesi**

Conselho Editorial:

**Eudes Quintino de Oliveira Júnior**

**Pérsio Marconi**

**Rosalie Gallo y Sanches**



A obra de arte da capa na revista Kapiiuara nº 09 é de autoria do artista plástico

**LÉZIO JÚNIOR.**

# Sumário

## ACADEMIA CONVIDA PARA PROSA

### DOUGLAS TUFANO

Anita Malfatti - O estopim da  
Semana de Arte Moderna ..... 5

## ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

A poesia de VERA MUSSI HAGE..... 8

O cônjuge da alma..... 8

Passos da alma ..... 9

A dor da alma ..... 9

## ACADEMIA CONVIDA PARA ARTE

JORGE MALUF..... 10

### ALBERTO GABRIEL BIANCHI

A Semana de Arte Moderna de 22  
e Paulo Menotti Del Picchia..... 12

### ROSALIE GALLO Y SANCHES

22 - A Semana que começou  
dez anos antes ..... 16

### PÉRSIO L. MARCONI

Boa noite, Seu Eliezer..... 18

### EUDES QUINTINO DE OLIVEIRA JUNIOR

Carta de Machado de Assis a um poeta..... 20

### LORENI FERNANDES GUTIERREZ

Que possamos resgatar nossos valores,  
nesses tempos! ..... 22

### JOCELINO SOARES

Veneno da cascavel ..... 24

### PATRÍCIA REIS BUZZINI

Para conhecer a poesia de Adrienne Rich.... 26

In those years / Naqueles anos ..... 27

Turbulence / Turbulência ..... 28

### JOSÉ LUIZ BALTHAZAR JACOB

Tempo é dinheiro ..... 29

### CLEBER JUNIO FALQUETE

Fagulhas ..... 30

Complexo de Breton..... 31

Um selo ..... 31

### FABIO PORTA

Teresa Cristina de Bourbon:  
de Nápoles aos trópicos..... 32

Teresa Cristina di Borbone:  
da Napoli ai tropici..... 32

### JOÃO ROBERTO SÁES

Estamos involuindo? ..... 35

### ISABEL PIMENTA HERNANDES

Apolíneos e Dionisíacos ..... 36

### SAMIR FELÍCIO BARCHA

Um Cientista Patriarca da  
Independência do Brasil..... 38

### ROSALIE GALLO Y SANCHES

Os retratos de Mário..... 40

### HYGIA THEREZINHA CALMON FERREIRA

Jovita Alves Feitosa  
No teatro das heroínas da Pátria..... 44

### ARACELI CHACON

Eunice Katunda e o Afro-Brasileiro..... 47

### JOSÉ LUIZ BALTHAZAR JACOB

Soberba não faz bem ..... 50

### ARAGUAI GARCIA

Minha nova paixão ..... 52

# Editorial

*Ah, no terrível silêncio do quarto  
O relógio com o seu som de silêncio!  
Monotonia!*

*Quem me dará outra vez a minha infância perdida?  
Quem ma encontrará no meio da estrada de Deus —  
Perdida definitivamente, como um lenço no comboio.*  
Álvaro de Campos

Ah! A saudade...

Ela mora em nós, independente de nossos credos e convicções.

E a Kapiiuara 9 vem repleta de lembranças, saudosismos e comemorações. A começar pelos 100 anos da Semana de Arte Moderna de 22: Tufano abre com seu artigo onde nos relata a importância dela – Anita Malfatti – em todo o desenrolar desse momento que marcou o Modernismo Brasileiro.

Cinco amigos, cinco pensadores, o Grupo dos Cinco: Anita, Mário, Oswald, Tarsilla e Menotti, todos aqui lembrados nesta edição. Bianchi lembra Menotti; Rosalie desvenda Oswald e os retratos de Mário, sem se esquecer de Tarsilla. Memórias de tempos que não voltam mais.

A arte da fotografia é apresentada com os retratos do cotidiano de Jorge Maluf, mais momentos intemporais que nos remetem a outras eras, passado do qual sequer sabíamos que um dia voltaríamos a rever.

A poesia se faz presente em Kapiiuara, a começar por Hage e sua delicada alma de poetisa como pétalas de flores perfumando a vida.

Marconi lembra os tempos de faculdade, doces lembranças, algumas engraçadas e até mesmo traquinas. Tempo em que a inocência talvez ainda existisse em sua forma mais branda.

Como escrevi acima, uma revista nostálgica que não para por aí.

Há quem tenha recebido uma carta de Machado de Assis. Quanta honra a um poeta. Uma missiva como essa deveria ser enquadrada e exposta em um museu.

Resgatar nossos valores nos tempos atuais é a proposta de Gutierrez. Um sonho, uma utopia. Mas, por que não? Por que não ser a diferença na nossa vida ou na vida de alguém? Demos o exemplo para que possamos ser compartilhados por todos.

Não é, porém, o que diz a crônica venenosa de Soares. Ainda existem pessoas, como a da personagem da história, que perderam seus valores e poluem a existência.

Buzzini traz a poesia de Adrienne Rich e Falquete apresenta seus poemas.

Heróis? Heroínas? Kapiiuara rememora a imperatriz Teresa Cristina, José Bonifácio e Jovita Alves Feitosa. E tem muito mais! Kapiiuare-se! Desfrute de excelentes momentos culturais!

**Márcio Martelli**

*Escritor e editor / Membro da Academia Jundiense de Letras*

# Prosa

Academia convida para

**Douglas Tufano**

Escritor, membro da  
Academia Jundiense de Letras

## ANITA MALFATTI O estopim da Semana de Arte Moderna



Foto: divulgação

*Douglas Tufano foi o meu primeiro mestre na literatura, pois foi com sua obra que estudei no antigo curso colegial. Dono de uma vasta cultura e autor de diversos livros, entre eles, o **Dicionário Ilustrado - 1500 palavras**, laureado com o **Prêmio Jabuti** (1996), além de dois que tive a honra de publicar: **A história de Jesus através da arte** e **Pregos na parede**, em coautoria com Luiz Haroldo G. Soutello. Nasceu em São Paulo, mas considera-se jundiense, onde reside desde 1980. É meu confrade na AJL - Academia Jundiense de Letras. Atendendo ao pedido de Rosalie Gallo proferiu uma palestra sobre a Semana de 22, a qual gentilmente transformou no artigo que se segue.*

**Márcio Martelli** - Escritor e editor / Membro da AJL

“Foi ela [Anita Malfatti], foram seus quadros que nos deram uma primeira consciência de revolta e de coletividade em luta pela modernização das artes brasileiras.” Assim disse Mário de Andrade a respeito do início do movimento modernista, que começou nas artes plásticas — primeiro com a pintura de Anita e depois com a escultura de Brecheret. A literatura entrou depois e não foi, no início, tão revolucionária como eram as telas de Anita. Mas como essa pintora

iniciante, de uma cidade culturalmente provinciana como era São Paulo no começo do século 20, com cerca de 60 mil habitantes, acabou desencadeando uma polêmica sobre arte moderna e, de certa forma, inspirando a Semana de Arte Moderna, em 1922?

Anita era autenticamente paulistana. Nasceu no dia 2 de dezembro de 1889, poucos dias depois da proclamação da República, bem no centro antigo de São Paulo: na rua Florêncio de

Abreu. Mas seus pais nem eram brasileiros. Samuel Malfatti, o pai, era um italiano da cidade de Lucca, que chegara adulto ao Brasil. Era engenheiro e foi viver e trabalhar em Campinas. E foi lá que conheceu uma norte-americana de ascendência alemã chamada Elisabeth Krug, conhecida na família como dona Bety. Conheceram-se, apaixonaram-se e casaram-se. E com a epidemia de febre amarela que atingiu a região nessa época, mudaram-se para São Paulo para fugir do perigo. O primeiro filho deles foi um menino, Alexandre Samuel. O segundo foi Anita. O casal ainda teria mais dois filhos: Guilherme e Georgina. Era uma família poliglota. Anita cresceu ouvindo falar alemão, italiano, inglês e, naturalmente, português... E foi aprendendo todas essas línguas.

Mas o nascimento de Anita foi um drama para os pais. Ela nasceu com um defeito no braço direito e a mão atrofiada. Anos mais tarde Anita disse que corria uma história na família de que esse problema acontecera talvez como resultado de uma ... praga! Contou ela:

“Quando estava me esperando, mamãe foi um dia ao mercado. Lá, uma aleijada lhe pediu esmola e, como mamãe não ouvisse, bateu-lhe com a mão aleijada. Mamãe assustou-se muito. E eu nasci com o mesmo defeito. Depois de meu nascimento, mamãe procurou a aleijada, mas não a encontrou.”

Em maio de 1892, Samuel Malfatti, já deputado em São Paulo, pediu uma licença e embarcou para sua cidade natal com D. Bety, Alexandre e Anita. Foi consultar médicos especializados que pudessem resolver o problema da filha. Ela foi operada, passou por duros momentos de adaptação, mas o resultado foi desanimador. Anita teria de se conformar: sua mão direita nunca seria normal. Começou então para a jovem um prolongado e difícil esforço para tornar-se canhota. Aprendeu a escrever, a desenhar e a pintar com a mão esquerda. Mas quando tinha 12 anos sofreu o segundo baque em sua curta vida: a morte



Fotos: divulgação

**A estudante, de 1915, por Anita Malfatti.**

do pai, um engenheiro e deputado bem colocado na sociedade paulista, esteio econômico da família. A vida mudou muito para Anita, que já estava começando a trilhar o caminho da pintura, incentivada desde cedo pelo mãe, que era pintora amadora e que, diante da nova situação econômica, foi trabalhar como professora de inglês e de desenho no recém-fundado Colégio Mackenzie. Anita também seria professora de desenho nessa escola.

Foi seu tio, Jorge Krug, empresário, que, vendo o entusiasmo da sobrinha, resolveu bancar as despesas de sua viagem de estudos artísticos na Alemanha, em companhia de duas jovens de família rica que lá iam completar os estudos. Isso foi em 1910. Anita tinha 21 anos e ficaria por lá até 1914.

De repente, saiu do pobre ambiente artístico paulistano para cair no meio de um furacão cultural. Visitou várias cidades, viu dezenas de ex-

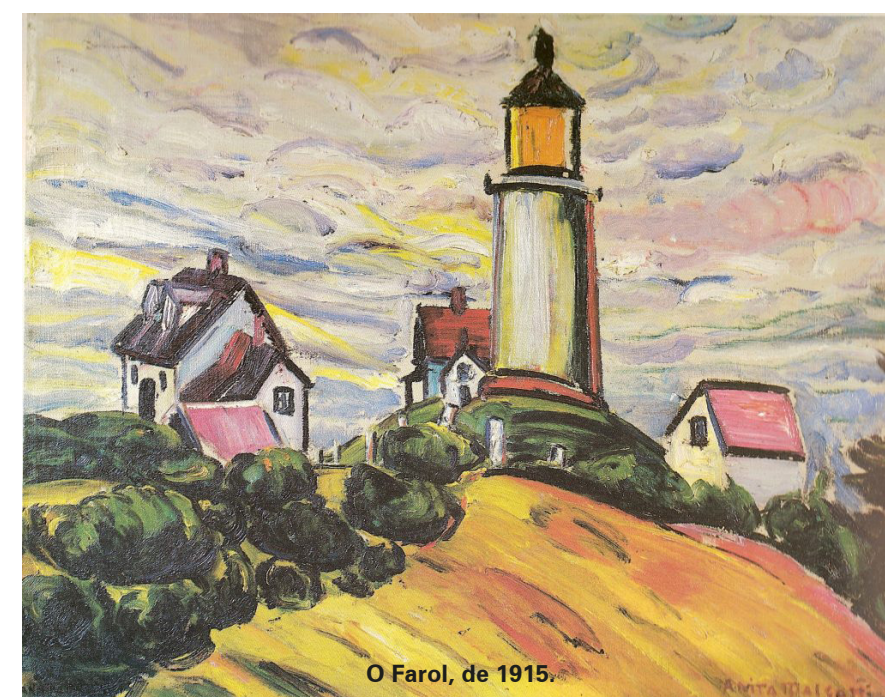
posições de arte moderna, entusiasmou-se com o Expressionismo, descobriu a arte de Van Gogh, dos impressionistas, dos artistas de vanguarda que estavam virando os conceitos de arte de cabeça para baixo. Aquele turbilhão mexeu com sua cabeça. De repente, a arte tradicional e bem-comportada que havia no Brasil pareceu-lhe algo muito velho e ultrapassado. Ela tinha descoberto as cores fortes dos expressionistas, o desenho livre, que não se preocupava com a representação fotográfica das figuras e paisagens.

Voltou ao Brasil em 1914, mas morria de vontade de regressar àquele ambiente. Mas com



Fotos: divulgação

**O rochedo, 1915.**

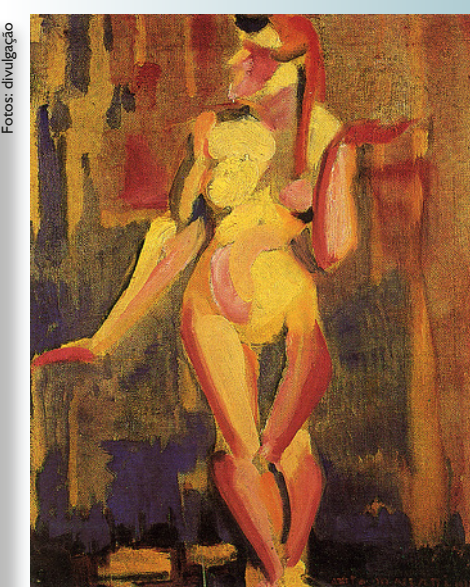


**O Farol, de 1915.**

que dinheiro? Novamente o salvador foi seu tio Jorge. Só que desta vez a viagem foi para Nova York, pois estourara a guerra na Europa e não era recomendável voltar para lá. E a temporada americana, entre 1916 e 1917 foi outra experiência incrível para a jovem pintora, que começou a pintar ao ar livre, com um estilo cada vez mais pessoal.

E quando voltou a São Paulo, trazia na bagagem a arte moderna. E logo quis expor o que tinha feito. Mas no ambiente provinciano da cidade, sua arte não foi bem recebida. Era estranha, meio “selvagem”, perturbadora. Seria, de fato, “arte”?

E foi nesse clima de novidade e espanto que alguns escritores modernistas vieram a conhecê-la e a prestigiá-la. Entre eles, Mário de Andrade, que com o tempo se transformaria numa paixão amorosa... E foi assim que a arte de Anita Malfatti acabou se constituindo no primeiro exemplo de pintura moderna, desencadeando críticas e, ao mesmo tempo, servindo de estopim para a realização, dali a alguns anos, em 1922, da Semana de Arte Moderna.



Fotos: divulgação

Fotos: divulgação

**Nu Cubista Nº 1, de 1915.**



Academia convida para

# Poesia

## A poesia de Vera Mussi Hage

### O cônjuge da alma

Vera Mussi Hage

Minha alma quer chorar  
Engravidou de amor  
Lacrimou. Chorou.  
Quando se entristece  
Até os caminhos esquece

Minha alma entoava  
À toa, se curva em prece  
Sente a dor  
O grito do outro  
Os significados

Minha alma se eleva  
Une em pedaços  
Se intera, em lágrimas  
Despedaça em fios, treme o chão  
Acaricia a terra em oração

Minha alma encontra  
Uma aliança, tenho nas mãos  
Em espera,  
O cônjuge da alma  
A compaixão!

*Há pessoas cujas almas delicadas nos obrigam a ser mais cuidadosos ao tratá-las. Possuem voz extremamente educada e baixa. Parecem flores equilibradas sobre caules também delicados. No entanto, o aparente fraco se faz forte, sustenta o peso da Beleza e mostra-se grandiosa, esta alma, como jamais vista.*

*Pessoas assim não são conhecidas com facilidade. Nós, pobres répteis de amor, nos deslumbramos diante destas pessoas de alma elevada. Assim é Vera.*

*Eu a conheci no lançamento de um de seus livros, imersa no halo da delicadeza e das letras. Tornamo-nos amigas. Foi desta forma que o pouco tempo cronológico foi engolido pelo emocional, detentor de maior tempo de duração.*

*Seus versos refletem sua delicadeza e sua postura diante da Vida: ama a Natureza, as flores, a prece, a família. Doa-se em tudo o que faz. Melhor dizendo, seu objetivo de vida é doar-se. Mostra-se de forma imaculada nos gestos, nos hábitos, nas preferências.*

*Nossa Kapiiuará traz alguns versos seus. Muito pouco do muito que escreve, mas é uma amostra da força que tem a delicadeza. Embexam-se dela.*

**Rosalie Gallo y Sanches**  
Cadeira nº 29

### Passos da alma

Vera Mussi Hage

A passos largos e rápidos  
Meu olhar repousa no ar  
Em meus pés, sinto um pássaro voando

Voava no chão, asas encolhidas  
Aterrissa. Pisa.  
Chama minha atenção

Não sabia que existia  
Ave que deixa a liberdade do céu  
Para sentir o solo, que nem terra era  
Era piso duro, era rua.

Meu pensamento foi longe  
Quisera entender  
Saber que, sua tarefa era sobreviver na dureza  
Encontrar força e voltar a voar

Segui, sem o pássaro  
Fiquei com a leveza das asas  
Voei!



### A dor da alma

Vera Mussi Hage

Quando o tecido inflama  
Uma dor chama  
Em silêncio, arranha  
A ranhura perfura a alma  
Como fosse um entalhe no corpo  
Que range, dilacera, articula  
E, em movimentos lentos  
Adoece!

Sinto minha fé sonolenta  
Atenta aos desvios de meus pés  
Desconstruídos, enrijecidos  
Enjeitados nas aparências  
Preservo a essência  
Do nada, investidos  
Uma coragem anêmica  
Medo!

Porém, um minuto de lucidez  
Que, como numa orquestra de sentimentos  
Canta. Uma distância miúda  
Entre a dor e a chama  
Uma desordem  
De existência breve  
Aperfeiçoamento!



Nononononon non onon nono no ono nono no no n nono

# Jorge Maluf

Rosalie Gallo y Sanches  
Cadeira nº 29



Fotógrafo Jorge Maluf.



Chacrinha - Recinto de Exposições década 1970-80.



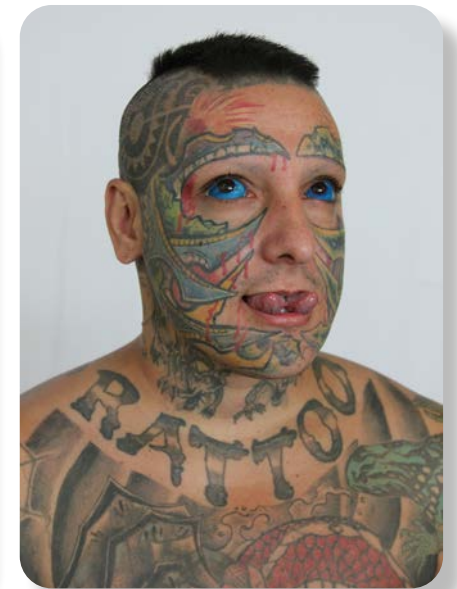
Sidnei Magal - Automóvel Clube decada de 2000.



Porre - esquina Prudente com Antonio de Godoy.



Av. Alberto Andaló - implementação dos corredores de onibus - congestionamentos.



Tatuado e de língua cortada.



Primeira formatura FAMERP - 1973.



Tradição - Casamento de bombeiro - Banho após cerimônia.



Balé no Automóvel Clube - década de 2000.



Companheiros fraternos.



# Crônica

## A Semana de Arte Moderna de 22 e Paulo Menotti Del Picchia

*Alberto Gabriel Bianchi*

*Cadeira nº 44*

Toda a minha infância morei em uma fazenda no pequeno município de Pirangi no interior do Estado de São Paulo.

Terminado o Grupo Escolar, hoje ensino fundamental, no ano de 1958, logo em seguida levaram-me para a babel paulistana a fim de fazer o curso ginásial e arrumar um emprego para ajudar minha família composta de dez pessoas: pai, mãe e oito filhos (sendo eu o mais velho e sete irmãs).

Consegui matricular-me no Ginásio Estadual da Vila Mazzei e arrumei emprego numa borracharia. Como sou caboclo e trabalhava na roça, apesar da pouca idade, o serviço de borracheiro não me assustava nem um pouco, uma vez que trabalhar na roça era pesado tanto quanto na borracharia.

Em seguida trabalhei como ascensorista na Rua Riachuelo, onde tive a felicidade de ser observado por pessoas tais como Dr. Noé Azevedo, Dr. Theotônio Negrão, Dr. Lauro Malheiros, Dr. Licínio Silva, Dr. Gabriel Lima Silva Dias (Oficial Maior do Cartório do 12º Registro de Imóveis da Capital) e Dr. Cid Bierrembach de Castro Prado (Serventário vitalício da 12ª Circunscrição Imobiliária de São Paulo, Promotor Público em Batatais-SP e ex Deputado Federal) que subiam e desciam todos os dias naquele prédio de quatro andares. Eram muito importantes e eu nem sabia.

Dr. Gabriel, em especial, me fazia muitas perguntas, dava muitos conselhos e até me apresentava com roupas de seu filho. Certo dia convidou-me para uma conversa em sua sala no Cartório que funcionava no segundo andar daquele prédio. Minhas pernas tremiam como vara verde. Como conversar com um homem educado e culto daqueles? Seu gabinete era muito chique para um caboclo como eu, recém chegado do sertão. Fiquei ensaiando um bom tempo para criar coragem e entrar em sua sala toda carpetada e muito bem cuidada.

Na hora marcada, estava eu lá para ouvir o que ele tinha para me dizer. Quando disse que era uma oferta de emprego, minha cabeça virou do avesso. Sua proposta resolveria todos os problemas, meus e da minha família, na época. E o horário de trabalho seria maravilhoso, uma vez que trabalharia meio período.

Naquele cartório conheci pessoas que me ensinaram só coisas boas. Especialmente me lembro de Dona Suzana Anderson e a poetisa Elisa Barreto, muito conhecida na Zona Leste de São Paulo por suas famosas poesias e em 2003 e 2004, por ter sido indicada ao Prêmio Nobel da Paz.

Era casada com Paulino Rolin de Moura, escritor e grande defensor da Poesia lírica e conhecido como o Paladino de Arte, Cultura, Ecologia e Ética de Itararé.

Elisa conhecia muita gente no mundo das artes e da literatura, havia escrito muitos livros e, entre eles um deles intitulado “Turbilhão de Emoções”, publicado pela Editora Jornal dos Livros. Estava ali contido o poema “Viagem a Marte”, escrito a partir de um sonho e dedicado ao primeiro homem que penetrasse o Cosmos. Em seu livro, ela dizia para todas as pessoas que já tinha viajado para Marte e por isso o dedicara a Yuri Gagarin, astronauta pioneiro das viagens espaciais e aos sábios de todo o mundo, que propiciaram o seu voo.

Quando Yuri Gagarin esteve em São Paulo em 01 de agosto de 1.961 foi recebido pelo Sindicato dos Jornalistas para um almoço no Othon Palace Hotel. Dona Elisa também recebera o convite para a cerimônia e estendeu o convite a mim. Quase morri de alegria e violenta emoção. Não sabia nem o que fazer. Comi um “lombinho a brasileira” e tomei um sorvete que chamaram de “Gagarin”; é o de que me recordo.

Escreveu também sobre John Kennedy, no dia da sua morte, em 22 de novembro de 1963 e seu poema foi publicado no Diário Oficial.

Como eu gostava das poesias da Dona Elisa, aproximei-me muito dela dentro do Cartório bem como na sua vida particular. Afinal, eu era um caboclo vindo do sertão e como todo bom caboclo, apesar da pouca idade, me encantava com moda de viola, poesias e coisas da natureza e também com as meninas da época.

Chegara à grande metrópole já com saudade das caboclinhas que lá havia deixado e por isso escrevia poesias e fazia acrósticos. Dona Elisa me orientou muito e comecei a escrever para os relicários das meninas da escola. Num dos bailes organizado pela Comissão Organizadora Pró-Formatura – COF, escrevi uma poesia. Ela leu e me fez um grande elogio. Fiquei todo feliz e o publiquei num tabloide que criamos na escola intitulado “O Facécia” onde se escreviam poesias, quadrinhas, acrósticos e fofocas dos professores e alunos, com muito sucesso na época. Era esta:





## O baile que só tinha três meninas

Três pares dançam alegremente,  
num baile em que se esperava muita gente.  
Enfeitam o salão do Fazendinha,  
Com movimentos nobres de rainha.

Lindas meninas que não queriam parar  
Bailam felizes para a festa animar.  
Estamos tristes, sem querer desanimar.  
No baile não veio ninguém. Não podemos chorar.

Nunca aconteceu. A Comissão emudeceu!  
Os três pares fazem a alegria do sonho que não se deu.  
Muitos rapazes. Três formosas meninas!  
Vestidos rodados giram. Todas bem produzidas.

Trocam-se os moços e todos dançam sorridentes.  
A tristeza vai-se embora e ficamos contentes  
O baile no Fazendinha ficou na memória  
Três pares agradaram a orquestra e fizeram história.

Alberto Gabriel Bianchi  
(Escrita durante o baile no Fazendinha, 23/06/1963)

Depois, vendo ela meu interesse pela poesia e pela literatura, convidou-me e acompanhou-me até o cartório do 20º Tabelião de Notas de São Paulo, no subterrâneo de um prédio na Largo de São Bento para, segundo ela, me apresentar uma pessoa famosa do mundo da literatura.

Alguns dias antes ela havia passado a me contar muitas coisas sobre a famosa “Semana da Arte Moderna de 22” e seus participantes.

Chegando ao Cartório, descemos uma escadaria de madeira e fomos em direção à pessoa que iria me apresentar, ou seja, o Tabelião. Me apresentou como o mais novo funcionário do Décimo Segundo Registro de Imóveis da Rua Riachuelo. Muito bem trajado com terno e gravata ele me deu a mão e disse ser Menotti Del Picchia, Oficial do 20º Tabelião de Notas. Convidou-nos a

sentar. Perguntou pelo Dr. Cid, Serventuário Vitalício do Cartório em que eu estava trabalhando e que também já havia sido Deputado Federal, como ele. Conversava mais com Dona Elisa. Ela comentou então que a partir de agora eu estaria encarregado de buscar as escrituras para registro e as traria para as mãos do Dr. Menotti Del Picchia logo que prontas. Agradeceu nossa visita e nos despedimos. Constantemente estava eu à sua frente, entregando escrituras e ele assinando os protocolos. Conversávamos pouco, porque ele sempre rodeado de muita gente e funcionários, mas sempre me dava a devida atenção, apesar de eu ser muito jovem.

Eu tinha um primo, Jefferson Luiz Camargo, também oriundo do mesmo sertão onde éramos muito felizes contemplando a beleza da natureza.



Havíamos nos distanciados mas, depois de alguns anos, havíamos nos reencontrado em São Paulo, onde ele estava fazendo o curso de Letras Anglo Germânicas na USP. À época já havia também desenvolvido o dom para as Artes Plásticas, com uma forte tendência ao Cubismo. Meu primo pintou belos quadros, expôs no MASP – Museu de Artes de São Paulo e realizou outras exposições. Muitas obras suas foram publicadas em jornais como “O Estadão” e “Folha de São Paulo”. Pena que tenha falecido muito cedo.

Influenciado pelo primo comecei a tomar gosto pelas artes plásticas, especialmente pelo Cubismo de Pablo Picasso (Guernica), Tarsila do Amaral (O Pescador), Anita Malfatti (A Ventania), Cândido Portinari (Retirantes) e também pelas cores do abstracionismo de Kandinsky (Composição X), Joan Miró (Mulheres e Pássaros ao luar), o Surrealismo de Salvador Dalí (Metamorfose), Marc Chagall (Auto Retrato com Sete Dedos) e outros.

Em uma das visitas ao Cartório, para matar minha curiosidade sobre a famosa Semana da Arte Moderna, Dr. Menotti disse-me que havia feito parte da primeira geração modernista e que era a favor da liberdade de criação, liberdade nos versos e a favor da ausência de formalismo, bem como a favor de uma identidade e cultura brasileira.

Falou sobre os artistas que participaram da Semana de Arte Moderna de 1922 citando Má-

rio de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha, Victor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Tácito de Almeida, Di Cavalcanti, Guiomar Novaes, Zina Aita e, modestamente, ele também.

Dizia, ainda que havia sido uma grande manifestação artístico-cultural ocorrida no Teatro Municipal de São Paulo no ano de 1922. Os artistas queriam uma nova visão de arte, baseada em uma estética inspirada nas vanguardas europeias. Buscavam uma renovação social e artística.

A partir desses esclarecimentos passei a dar mais atenção às artes, poesias e leitura dos autores da época.

Quando li a respeito do Menotti fiquei espantado e passei a admirá-lo ainda mais. Li com fervor e admiração o famoso “Juca Mulato” de sua autoria.

Dona Elisa Barreto sempre comentava que o que se lia a respeito da tal “semana” é de que o evento havia chocado uma boa parte da população, trouxera uma visão sobre os processos artísticos e proporcionara a apresentação de uma arte mais brasileira.

Elisa Barreto faleceu em São Paulo aos 86 anos de idade, no bairro da Penha, no dia 25 de outubro de 2005.

Dr. Paulo Menotti Del Picchia faleceu em São Paulo em 23 de agosto de 1988.

# Literatura

## 22 - A Semana que começou dez anos antes

Rosalie Gallo y Sanches

Cadeira n° 29

Oswald preparava-se para ingressar na Faculdade de Direito de São Paulo quando seus abastados pais o presenteiam com uma viagem à Europa. Ele tinha 22 anos. Não era um adolescente. Sabia que, ao regressar ao país, estudaria para se tornar um advogado possivelmente de renome, já que seu círculo o colocava na roda da elite paulistana. Saberá, porém, aproveitar ao máximo, a viagem. O perfil artístico parisiense que encontra o faz reavaliar tudo o que em si trouxera do Brasil, país e, particularmente São Paulo, dominado pelo parnasianismo de Olavo Bilac.

Na Paris de 1909, precisamente na edição de 20 de janeiro, o jornal francês Le Figaro publicara uma matéria revolucionária para o mundo cultural: O Manifesto Futurista, assinado pelo ítalo-francês Filippo Tommaso Marinetti, explicitando a celebração da ruptura de qualquer liame com a cultura do passado e acenando para a nova realidade que oferecia a tecnologia e os encantos do movimento, do dinamismo. Os artistas que frequentavam a Cidade-Luz degustavam diretamente da fonte novos conceitos e começavam a dar sinais evidentes de que uma mudança fatalmente ocorreria. Este o ambiente que o jovem Oswald encontra ao aportar em Paris, em 1912.

Seria impossível não trazer para o Brasil estas ideias revolucionárias, pensou o jovem Oswald que havia quase quatro anos trabalhava no jornal Diário Popular como jornalista. Trabalhava, sim, apesar de ter nascido “em berço esplêndido”,

diríamos. Um ano antes havia fundado a revista semanal “O Pirralho” e contava com a participação efetiva de dois grandes expoentes da época: Alcântara Machado e Juó Bananère, pseudônimo do escritor, poeta e engenheiro brasileiro Alexandre Ribeiro Marcondes Machado. Contava ainda com a colaboração esporádica de um pintor nascente chamado Di Cavalcanti. “O Pirralho” terminaria suas publicações em 1917.

O intrépido jornalista não trouxe para o Brasil somente as novas ideias circulantes na fervilhante Europa. Trouxe também Kamiá, uma jovem que lhe deu o primeiro filho. Instalado na charmosa Rua Líbero Badaró, no centro histórico da cidade, o apartamento de Oswald recebia ilustres pensadores como Guilherme de Almeida, Monteiro Lobato, Mário de Andrade e outros amigos. Não obstante sua longa amizade com Lobato, publicou uma matéria no jornal defendendo Anita Malfatti, que considerava a pioneira do movimento modernista na pintura do Brasil.

Graduou-se em Direito em 1918 sem jamais ter abdicado das ideias culturais e sem jamais ter exercido a profissão. Tanto que, em fevereiro de 1922, com Mário, Anita e alguns outros intelectuais organizam uma atividade que dura uma semana e se torna o divisor das águas culturais brasileiras para a introdução de ideias tidas como “revolucionárias” ou “modernistas”. Um grito antiburguês no local cultural paulistano tido como o cenário para as mais altas apresentações burgue-

zas: o Theatro Municipal de São Paulo. O grupo traz nomes respeitados para se apresentar e permite a estreia de Villa Lobos em palcos paulistanos. Expõe em forma de tratamento de choque, no saguão do Theatro, quadros que, vendidos, foram devolvidos dias depois, pela rejeição burlesca natural ao novo.

Dois anos depois lança o Manifesto Pau-Brasil pelo jornal Correio da Manhã, aproveitando para seu título o material brasileiro que primeiro serviu para exportação. Continuava, assim, o movimento modernista a fincar raízes para que uma brasilidade se impusesse. Surgem expressões nas Artes com elementos que foram fundamentais para a formação da cultura brasileira: o negro, de força mais presente e o indígena não mais romantizado; surge o operário como força laborativa.

Em 1925 casa-se com Tarsila do Amaral que não esteve presente na Semana de Arte Moderna, momento culminante do movimento refratário à cultura estrangeira e valorização da brasileira pelo lançamento do Movimento Antropofágico e que propulsiona alguns intelectuais a se juntarem a eles para o lançamento da “Revista Antropofágica”. Nela Oswald publica, em seu primeiro número, o manifesto de maior impacto ao declarar “Tupy or not Tupy, that’s the question”.

Seu casamento com Tarsila chega ao fim em 29. Em 1931, filiado ao Partido Comunista, casa-se com Pagu, como era conhecida a escritora e militante Patrícia Galvão. Dela tem seu segundo filho. Com ela funda o jornal “O homem do povo”, que dura até 1945 quando a vida o encontra desfilado do partido e já casado novamente, agora com a esposa com quem viverá até o fim da vida.

Erudito, culto, “antenado”, como diriam os jovens, Oswald é a representação da liberdade. Foi de vital importância para uma Semana que eclodiu em 22, mas vinha sendo preparada muito tempo antes. Para ilustrarmos a figura desse grande Oswald, dois poemas, claro que que em

versos livres, porque ele nunca conseguiu sequer separar sílabas para as contar em métrica! O primeiro é a mostra de que para Oswald, a fala do povo era a que contava. Ele já sabia disso. Tinha certeza de que não havia por que radicalizar. O segundo, para se ver como ele, modernista, trata a paisagem, ao contrário de um parnasiano ou arcádico e com o vigor poético de um modernista.



Oswald de Andrade.

### **Pronominais**

*Dê-me um cigarro*

*Diz a gramática*

*Do professor e do aluno*

*E do mulato sabido*

*Mas o bom negro e o bom branco*

*Da Nação Brasileira*

*Dizem todos os dias*

*deixa disso camarada*

*Me dá um cigarro*

### **Bucólica**

*Agora vamos correr o pomar antigo*

*Bicos aéreos de patos selvagens*

*Tetas verdes entre folhas*

*E uma passarinhada nos vaia*

*Num Tamarindo*

*Que decola para o anil*

*Árvores sentadas*

*Quitandas vivas de laranjas maduras*

*Vespas*

Rosalie Gallo

Fevereiro de 22, mas de outro século

## Boa noite, Seu Eliezer

Pérsio L. Marconi

Cadeira nº 15

Que fique bem claro: o que estão prestes a ler ocorreu antes do advento do politicamente correto.

Em 1974, recém chegado de temporada de estudos nos Estados Unidos, mudei-me para a cidade de Lins, no noroeste do estado de São Paulo, com o intuito de cursar engenharia civil, já que tinha sido classificado em um impressionante e inesperado quarto lugar no vestibular.

Passei a residir em uma república estudantil, que era o meio tradicional de moradia para fofasteiros conseguirem dividir as despesas, juntamente com mais sete colegas. Éramos, portanto, quatro estudantes cursando engenharia civil e quatro na engenharia elétrica. Uma diversidade geográfica interessante, desde paulistanos

da Mooca, passando por mineiro desconfiado, descendente de portugueses, de japoneses, de italianos e, o mais engraçado, um bonachão de mais de 130 quilos, completamente míope, que adorava consumir quantidades semiletais de bebida alcoólica, vindo de Guarulhos.

Os paulistanos, criados na capital, sem nunca dela terem se ausentado, viram uma vaca ao vivo pela primeira vez durante as aulas da disciplina de Topografia que, naquela época, eram realizadas na zona rural da cidade.

Dos integrantes da república, somente dois tinham carro – o Manoel português (um Chevette) e eu (um Corcel GT). De bom grado, íamos todos para a faculdade logo cedo, quatro em cada carro.



Às vezes fazíamos churrasco, ocasião em que todos consumiam cerveja e chope, à exceção deste que vos escreve, declaradamente abstêmio, cuja incumbência, portanto, era a de colocar todos os outros para dormir no final da jornada. Tarefa hercúlea!

Em uma dessas ocasiões, decidimos pregar uma peça no Eliezer, aquele de Guarulhos, que era capaz de consumir muito álcool, mas que dormia profundamente logo em seguida. Esperamos que ele ficasse completamente embriagado e caísse em um sono profundo. Vestimos nele o seu pijama listrado e o colocamos no meu carro, levando-o até a vizinha Guaiçara, uma pacata cidadezinha a poucos quilômetros de Lins, por onde passava o trem de passageiros todas as noites,

rumo a São Paulo. A estação ferroviária estava deserta e, assim, cruel e impiedosamente, deixamos o Eliezer em um dos bancos da plataforma e o deixamos curtir o sono dos embriagados.

Foi o guarda noturno da estação que, horas depois, viu aquele sujeito enorme, de pijama, dormindo no banco da estação, que o despertou e o interrogou. Ele, sem óculos, sem dinheiro e sem saber como tinha ido parar lá, voltou para Lins dentro de uma viatura da gloriosa Polícia Militar, sendo deixado, enfurecido, no portão de nossa república, por volta das cinco horas da manhã seguinte, sendo recebido pelo nosso guarda noturno do quartirão, que já o conhecia de outras bebedeiras e disse: “Boa noite, seu Eliezer. Está tudo bem?”



# M

## issiva

## Carta de Machado de Assis a um poeta

Eudes Quintino de Oliveira Junior  
Cadeira nº 26



Apesar de não o conhecer pessoalmente, você me foi referendado por um amigo e, sem muitas delongas, senti afinidades porque comungamos de ideais e de sentimentos que proporcionam reflexões de rica parceria, exclusivas de homens maduros e privilegiados. Regozijo-me em cumprimentá-lo nesta data de suas bodas, tão significativa que anuncia uma nova vida. O casamento acalma os afetos para torná-los mais duradouros e, quaisquer que sejam as condições, é um antegosto do paraíso. Tudo depende do sincronismo: não ir contra os desejos um do outro, respeitando-se, sem pirraças, nem despotismo, observando sempre a regra de que não existe amor mais velho.

Li, sim, seus escritos sobre a vida e o amor, mas confesso que tenho dificuldades de entoá-los porque as ideias passam tão rápidas e em-

baralhadas que é difícil colhê-las e pô-las em ordem. E é natural que a memória se esvaeça porque ela não é uma planta aérea, precisa de chão para se firmar. Apesar de o ano ser cumprido, o tempo é curto.

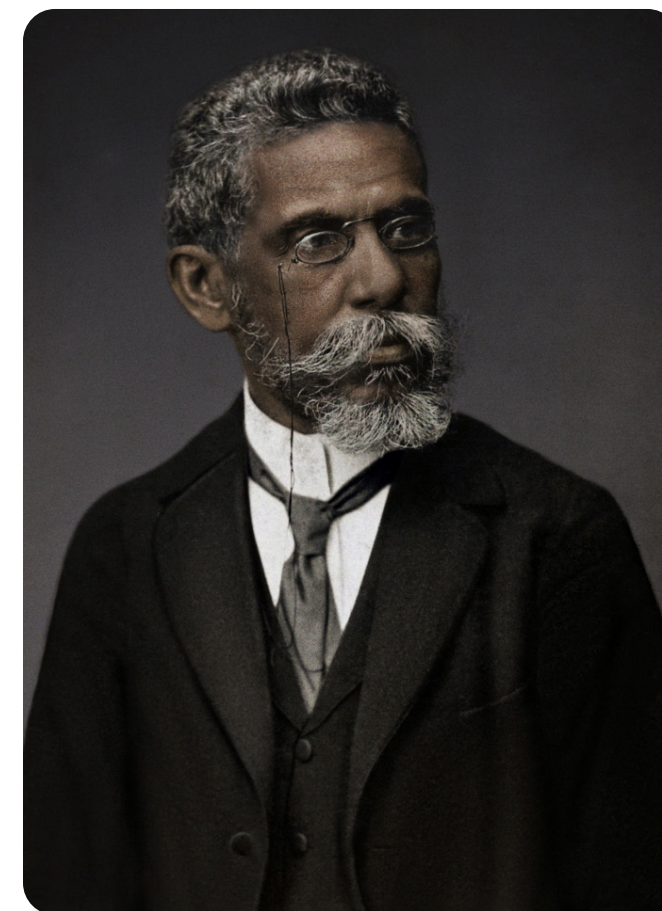
Também não posso negligenciar que não falo a linguagem dos anjos, que é a da poesia, que você domina tão bem. Percebe-se que com os anos adquiriu a firmeza, dominou a arte, multiplicou os recursos, sempre em busca da perfeição, que é a ambição e o dever de todos os que tomam da pena para traduzir no papel suas inspirações e sensações. Poesia não se aprende, traz-se do berço, alojada no coração, que é a região do inesperado, para cantar a vida, o amor. Dança com as palavras com a mesma elegância que baila com a amada. Digo até que todos os homens deveriam ter uma lira no coração, ou não

sejam homens. E ao poeta não importa o minuto que passa, mas o minuto que vem, pois a vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa apagar o caso escrito.

Você conseguiu ver a vida como uma ópera bufa, com intervalos de músicas sérias. Sem arufos não se aprecia a liberdade, como sem tempestade não se aprecia o bom tempo. E é certo que viver é trilhar, seguidamente, um caminho cheio de espinhos e flores. Posso até afiançar, pela experiência acumulada, que a vida é um complexo de alegrias e pesares, um contraste de esperança e de abatimento, mas, mesmo assim, proporciona ao poeta uma alma delicada e franzina, uma imaginação viva e ardente, em que, propositadamente, o Criador impôs o duelo perpétuo da realidade e da inspiração.

O amor, sem qualquer restrição, ficou estampado em seus versos. Cada um deve amar ao seu modo. O modo pouco importa. O essencial é que saiba amar. E o amor, apesar de delicado, é intempestuoso, como um mar, sujeito à influência da lua e dos ventos. Se não estiver bem acomodado, prepara as malas e deixa o coração, como um viajante deixa o hotel ou como o gavião branco que, ainda ferido, voa calado. E ainda vejo você como o arauto que carrega e sacode a matraca, recitando de esquina em esquina a proclamação de sua paixão, fazendo com que brilhasse ainda mais seu coração de ouro. Digo sempre que um coração de ouro vale muito, mas um coração de ouro com ouro vale mais, pois o melhor amor não vê nada em volta de si, e caminha direito, resoluto e feliz aonde o leva o coração.

Mas, apesar da distância, aqui do Morro do Livramento do Rio de Janeiro, prometo a você que, para festejá-lo, lerei um de seus poemas que muito aprecio e que dedicou à sua amada e consorte, no sarau literário da Arcádia Fluminense. Também, como você, mas por epístola, prometi a Carolina que ganharemos o mundo, porque só é verdadeiramente senhor do mundo quem está



acima das suas glórias fofas e das suas ambições estéreis.

Convém, repito sempre, não confundir alhos, que são a metade prática da vida, com bugalhos, que são a parte ideológica e vã. A felicidade que sonhamos quase nunca sai à medida de nossos desejos, apesar de todos os nossos esforços. Mas não se pode negar que ela se aperfeiçoa de tal forma que é possível sentar-se à beira do lago e escutar o silêncio. É a mesma fonte de ouvir estrelas do Olavo Bilac: tem que amar para entendê-las.

Fica aqui, então, o reconhecimento a um homem que canta o amor. Quem, falando de amor, não sentir agitar-se-lhe a alma e reverdecer a natureza, pode crer que desconhece a mais profunda sensação da vida e o mais belo espetáculo do universo.

Com meus respeitosos cumprimentos,

**Joaquim Maria Machado de Assis.**

# Crônica

## Que possamos resgatar nossos valores, nesses tempos!

Loreni Fernandes Gutierrez  
Cadeira nº 19

*“Uma vez um escritor, caminhando numa praia deserta, viu, à sua frente, um senhor que, recolhendo nas areias estrelas do mar, devolvia-as às águas. Intrigado, perguntou: Nossa! Mas o que você está fazendo? “Estou devolvendo ao mar as suas estrelas”. Respondeu-lhe o homem. Mas são tantas as estrelas... Questionou o escritor. Então o senhor, abaixando-se e apanhando uma daquelas estrelas, apontou-a para o escritor, dizendo: “Pode ser, mas, pelo menos, para esta aqui, eu fiz a diferença”. O escritor, naquela noite, pensou longamente no homem, nas estrelas e no mar. No dia seguinte acordou bem cedo e foi, sorrindo, apanhar as estrelas...”*

Este pequeno conto de autor desconhecido, que há muito levo comigo, ainda exerce sobre mim a mesma magia, tornando-me melhor e me incitando a novos passos e reflexões. Aliás, penso que com os outros também seja assim. É factual que olhemos para a frente, em direção às linhas retas ou sinuosas de nosso futuro, mas é no passado que vivenciamos as “atuais lembranças” - e apesar da impossibilidade de nos enfiar-

mos outra vez dentro dele, mudando quem sabe muitas de nossas rotas - quem dera, torna-se impossível não olhar para trás. As experiências nos mostram que algumas vezes os nossos erros nos beneficiam mais até que nossos acertos, tornando-nos prudentes e previdentes.

Assim, compreendemos as mudanças do mundo, analisamos a grandeza dos antepassados e os erros que não queremos cometer. Mas



olhando o presente, para tudo o que gravita ao nosso redor, vemos com tristeza uma numerosidade de predicados humanos sendo relegados pelos caminhos. Estarrecemo-nos com ideologias desvirtuadas no jogo irresistível do poder, em quase todos os segmentos calcados pelo homem. Certamente que os erros de agora causarão muito desconforto às gerações futuras - porque elas também olharão para trás. Sem falar ainda do prejuízo moral, social e financeiro, porque a corrupção inclemente que se alastra é o único impediente para que nos tornemos de fato uma grandiosa e respeitada nação. E é nela que viverão os nossos descendentes. Como se isto não bastasse, há ainda o desleixo! Quantas vezes tropeçamos em garrafas *pets*, bem como pisoteamos papéis. E quem nunca viu bitucas de cigarro, latinhas de cerveja ou de refrigerante saltando pelas janelas de um carro? Refletindo, creio que nós, seres humanos - e por que não nós, mulheres acolhedoras e mediadoras em nossa matrilinearidade, deveríamos nos preocupar mais com atitudes positivas em

prol do resguardo da vida, na condução de nossa família, do que com os exacerbados números dos manequins e tantas outras superficialidades - que dentro de pouco tempo nos farão perguntar a nós próprias quem somos e a que viemos.

Recolhamo-nos, pois, em nós, aperfeiçoando a nossa consciência coletiva, distinta da individual e, portanto, conflitante em nós, uma vez que não há como fugir da nossa essência, do nosso dever, pois o mundo clama por nós! Não é preciso que sigamos para o mar para apanhar estrelas e devolvê-las às águas. Despertemos nossas forças interiores adormecidas e, como a valerosa formiguinha de La Fontaine, coloquemo-nos a trabalhar, aqui mesmo, agora, de onde estamos.

A irracionalidade dos homens se avoluma, as injustiças lamuriam e a natureza clama, enfurecida. Qualquer dia destes o mar nos devolverá não apenas as estrelas, mas todos os nossos entulhos, oriundos de ilhas de lixo e sal, com seus triplhões de fragmentos de plástico. Corramos, pois, que ainda há tempo!

# Crônica

## Veneno da cascavel

Jocelino Soares

Cadeira nº 12

Quando menino, ouvi mais de vez a história do seu Dito, que havia perdido a mulher. Na pequena propriedade, somente ele e o filho, esse em idade de começar a faculdade. O pai disse ao garoto que se preparasse para ir estudar na cidade. Seria muito custoso ficar no sítio sozinho, o trabalho era sacrificante, iria tirar leite de pedra para enviar o pagamento da universidade, mas que, sem sacrifício, ninguém vence. “Oê vai sê dotô”, disse o velho.

Toda semana seu Dito ia à vila, na venda do seu Nestor, em busca de notícias de seu amado filho. Sem que faltasse uma semana sequer, lá estava a cartinha. O vendeiro lia ao ansioso pai a carta do choroso filho dizendo que a vida na cida-

de, sim, era custosa! As pessoas mal se cumprimentavam, as moças da faculdade, então, nem se fala! São todas orgulhosas, nem de longe se parecem com a Rosinha ou com a Mariinha do Zé Rezadô. O velho ouvia de cabeça baixa para que não vissem que chorava de saudades do filho e padecia por saber que o rapaz também sofria.

Por mais de dois anos, semanalmente o velho ia à busca de notícias, e elas lá estavam, em forma de carta. Com o passar do tempo, não mais vinham toda semana. Seu Dito saía lá do sítio, ia até a venda e, para sua tristeza, o vendeiro dizia que não tinha chegado correspondência para ele. Para minimizar sua dor, o homem dizia que o “menino” devia andar muito ocupado com os



estudos, que não se preocupasse, em breve ele teria notícias do filho amado.

Meses se passaram, e nada. Ele não desistia. Toda semana ia à vila em busca de informações. Um dia, finalmente, uma cartinha chegou. Seu Dito ficou radiante. “Eu sabia que meu filho não tinha me esquecido”, disse ao dono da venda. Na carta, ele dizia que estava namorando uma colega de turma, que os pais eram muito ricos e que assim que terminassem a faculdade trabalhariam na clínica mandada construir pelo futuro sogro. Seu Dito até chorou de contentamento quando no final ele disse para que se preparasse para ir pra cidade grande, no dia do seu casamento.

Naquele dia, seu Dito se permitiu pagar uma rodada aos amigos. Era muita felicidade para um homem só, dizia. Seu contentamento foi ainda maior ao saber que o filho estava encaminhado na vida, devido a seu trabalho penoso na roça. Com chuva ou com sol, e muitas vezes à noite, lá estava ele, produzindo para pagar os estudos do filho. “É munta satisfação”, dizia.

Como de costume, toda semana lá estava, esperançoso de alguma notícia. Seu Nestor, numa

dessas vezes, disse ao pobre homem que as cartinhas estavam “raleando”, que o filho, sabe como é, deve estar muito atarefado, sem tempo de escrever. Mas não fique triste, qualquer dia desses, o senhor vai ver, ela vai chegar trazendo boas notícias, disse o bom amigo.

De fato, um dia ela chegou. O velho, sentado no banco, fechou os olhos para ouvir atentamente a carta vinda da capital. Nela, o filho dizia que sua noiva tinha pedido para que ele não fosse ao casamento, era coisa muita granfa, ele podia se sentir envergonhado, no meio de deputados e senadores. Que assim que voltasse da lua de mel na Europa iria fazer-lhe uma visita.

Dias depois o encontraram morto embaixo do enorme pé de jatobá lá no sítio. Diagnóstico: causas naturais. O filho foi avisado, vindo quase um mês após o funeral, para vender o pequeno sítio. Todo de branco, foi até a venda perguntar a “causa mortis” do pai.

Seu Nestor olha firme nos olhos do filho ingrato e diz:

– “Seu pai morreu devido ao veneno de uma terrível cascavel!”

# Poesia

## Para conhecer a poesia de Adrienne Rich

Patrícia Reis Buzzini  
Cadeira nº 2

**Adrienne Rich** (1929 - 2012) é considerada uma voz contemporânea poderosa na cultura americana, pela forma clara e inegável de abordar questões cruciais de sua época na poesia. Nasceu em 16 de maio de 1929 em Baltimore, Maryland. Seu pai, Arnold Rice Rich, médico e educador judeu, encorajou o talento precoce da filha na literatura, dando-lhe acesso à uma extensa coleção de obras poéticas do século dezenove. Sabe-se também que sua mãe, Helen Jones Rich, pianista, abandonou uma notável carreira profissional após o casamento. Adrienne realizou seus estudos em casa até o quarto ano do ensino fundamental, sendo matriculada, posteriormente, em uma escola religiosa de meninas. Formou-se em 1951 pelo Radcliffe College, iniciando, assim, a carreira de poeta. Contra a vontade de seus pais, casa-se com Alfred Haskell Conrad, judeu e professor de economia na Universidade de Harvard. No início, costumava sublimar o seu contato com a violência cotidiana no hermetismo estrutural da arte. Em março de 1955, teve o primeiro de seus três filhos e, segundo afirmou mais tarde, a experiência da maternidade teve o papel fundamental de lhe radicalizar. Considerando a fortuna crítica insipiente e estereotipada de Adrienne Rich em língua portuguesa, tomei a liberdade de traduzir os poemas apresentados abaixo no intuito de contribuir para a visibilidade dessa poeta admirável. Espero que gostem!

## In those years

Adrienne Rich

*In those years, people will say, we lost track  
of the meaning of we, of you  
we found ourselves  
reduced to I  
and the whole thing became  
silly, ironic, terrible:  
we were trying to live a personal life, yes, that was the only life  
we could bear witness to*

*But the great dark birds of history screamed and plunged  
into our personal weather  
They were headed somewhere else but their beaks and pinions drove  
along the shore, through the rags of fog  
where we stood, saying I*

1991

## Naqueles anos

Adrienne Rich, tradução de Patrícia Reis Buzzini

*Naqueles anos, as pessoas dirão que perdemos a noção  
do significado de nós, de você  
que nos encontramos  
reduzidos ao eu  
e que tudo se tornou  
vazio, irônico, terrível:  
estávamos tentando viver uma vida pessoal, sim, era a única vida  
que seríamos capazes de ter*

*Mas os grandes pássaros escuros da história gritaram e mergulharam  
em nossa atmosfera pessoal  
Eles estavam indo para outro lugar, mas seus bicos e asas  
sobrevooaram o litoral, atravessando as camadas de neblina  
de onde estávamos, dizendo eu*

1991

## Turbulence

Adrienne Rich

*There'll be turbulence. You'll drop  
your book to hold your  
water bottle steady. Your  
mind, mind has mountains, cliffs of fall  
may who ne'er hung there let him  
watch the movie. The plane's  
supposed to shudder, shoulder on  
like this. It's built to do that. You're  
designed to tremble too. Else break  
Higher you climb, trouble in mind  
lungs labor, heights hurl vistas  
Oxygen hangs ready  
overhead. In the event put on  
the child's mask first. Breathe normally*

2007

### Referências:

RICH, Adrienne. *Selected poems*, 1950-2012. New York: W. W. Norton & Company, 2018.

## Turbulência

Adrienne Rich, tradução de Patrícia Reis Buzzini

Haverá turbulência. Você vai precisar  
largar o livro para segurar  
a garrafa de água. Sua  
mente, mede montanhas, penhascos  
como num filme nunca visto  
por quem nunca esteve  
pendurado lá. Já sabíamos  
que o avião deveria sacudir, irreduzível  
assim. É construído para isso. E você foi feito  
para suportar. Ou quebrar  
Quanto mais alto você estiver, mais problemas  
pulmões acelerados, vistas trepidando  
oxigênio saltando  
acima de nossas cabeças. Nesse momento  
coloque a máscara primeiro nas crianças.  
Respire normalmente

2007



# Poesia

José Luiz Balthazar Jacob  
Cadeira nº 28

## Tempo é dinheiro

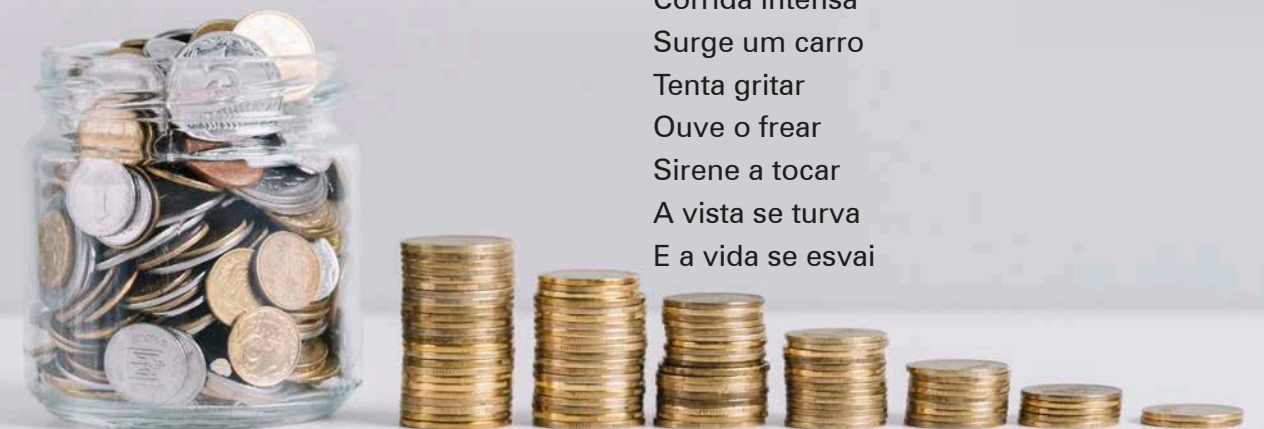
Restaurante limpo  
Bom cardápio  
Belos e suculentos pratos  
Cruzando pelo ambiente  
O homem nada vê  
Sentado impaciente  
Não sente odores  
É um ausente

Tem pressa  
Compromissos  
Correr os bancos  
Avaliar lucros  
Precisa correr  
A comida demora  
Com desrespeito  
Levanta, vai embora

Tempo é dinheiro  
Impossível esperar  
Os dias são curtos  
Deveriam ser longos  
Mais tempo  
Mais dinheiro  
Mais felicidade?  
Mais vida?

Semáforo verde  
Carros passando  
Ele reclamando  
Tenta atravessar  
Obrigado, recua  
Afobado, transpira  
Tem pressa  
Irritado, suspira

Vê uma chance  
Rápido, avança  
Respiração suspensa  
Corrida intensa  
Surge um carro  
Tenta gritar  
Ouve o frear  
Sirene a tocar  
A vista se turva  
E a vida se esvai







# Poesia

*Cleber Junio Falquete*  
Cadeira nº 13

## Fagulhas

em suas velhas mãos  
habitam fagulhas  
chamas antigas  
de idílicas fogueiras  
que outrora explodiam  
no ardor físico  
da sólida lareira

em suas velhas mãos  
o frio do carvão  
e a dor  
de agulhas  
que mergulham  
no tecido sedoso  
e descosturado  
dos figurinos rotos  
nos camarins da memória

em suas mãos velhas  
ainda os desejos se abrasam  
e os encantos de velas  
inflamam  
as labaredas teatrais  
das encenações reais  
no borralho da vida

## Complexo de Breton

Harpas em procissão  
descem famintas à rua,  
carregando seus ninhos  
de espinhos dourados.

Velhas cegas  
amolam facas  
e acendem velas  
nas pedras da morte.

Os aquedutos estão cheios de corvos  
e marimbondos revoltos  
devoram as aranhas da manhã.

Vespas negras  
inoculam os ovos da impureza  
nos olhos mortos daqueles  
que fervem salamandras  
e profetizam

amém na língua das cobras.

## Um selo

Como um selo agarrado em mim  
o seu nome, ruína de ontem e amanhã,  
é uma luz que esconde-se na escuridão  
sem a possibilidade do alcance.

Antes da morte, onde estivestes?  
Como dizer adeus  
se o voo dos urubus  
espanta os seus passos  
para sempre longe de mim?

Eu não me separei de você  
quando a morte a abandonou.  
Também eu lhe ofereci  
a outra face  
com uma pedra na mão.

Você é apenas um sonho,  
um sonho que pertence a terra,  
essa terra em que habito  
todas as noites  
enterrado vivo.



## Teresa Cristina de Bourbon: de Nápoles aos trópicos

### *Teresa Cristina di Borbone: da Napoli ai tropici*

**Fabio Porta**

**Senador da República Italiana eleito pelo Brasil**  
*Senatore della Repubblica Italiana eletto per il Brasile.*

*Tradução: Rosalie Gallo y Sanches*

*Há 200 anos nascia “a mãe dos brasileiros”. As iniciativas para melhor conhecer esta importante figura.*

**200 anni fa nasceva la “madre dei brasiliani”.**  
**Le iniziative per conoscere meglio questa importante figura.**

Há dez anos, em 2012, um professor italiano (docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro), fez justiça diante de uma longa e grave amnésia de caráter histórico-cultural; devemos a Nello Avello, prematuramente falecido em razão de uma grave doença, a primeira biografia registrada sobre esta mulher que, em 1843, partiu de Nápoles para o Rio de Janeiro, a fim de se casar com o Imperador D. Pedro II.

Teresa Cristina de Bourbon, que como Imperatriz do Brasil, mereceu o afetuoso e merecido título de “mãe dos brasileiros”, é, na verdade, também a “mãe da Itália no Brasil”; de fato, porque é graças a ela que as várias manifestações da influência italiana no Brasil começaram a criar corpo de maneira sistêmica, como assim nos narra o lindo livro de Avella. No período 1843-1889, da chegada ao Rio à sua morte, no exílio, formou-se de fato o primeiro núcleo da grande colônia ítalo-brasileira desenvolvida em seguida às imigrações do fim dos Anos Oitocentos e do início do século passado.

*Dieci anni fa, nel 2012, fu un professore italiano (docente presso l’Università Federale di Rio de Janeiro) a fare giustizia di una lunga e grave amnesia di carattere storico-culturale; dobbiamo infatti a Nello Avella, prematuramente scomparso a causa di una grave malattia, la prima biografia articolata su questa donna che nel 1843 partì da Napoli alla volta di Rio de Janeiro per il matrimonio con l’imperatore Don Pedro II.*

*Teresa Cristina di Borbone, che da imperatrice del Brasile si meritò il titolo affettuoso e riconoscente di “madre dei brasiliani”, è in realtà anche la “madre dell’Italia in Brasile”; sì, perché è grazie a lei che le varie manifestazioni dell’influenza italiana in Brasile iniziarono a prendere corpo in maniera “sistematica”, così come ci racconta il bel libro di Avella. Nel periodo 1843-1889, dall’arrivo a Rio fino alla sua morte in esilio, si formò infatti il primo nucleo della grande colonia italo-brasiliana sviluppatasi poi con le migrazioni di fine Ottocento e dell’inizio del secolo scorso.*

*Di particolare rilievo, nel processo di integra-*



Foto: divulgação

De enorme importância no processo de integração entre o nosso país e o Brasil foi a atividade arqueológica a ser desenvolvida por ordem da Imperatriz nos terrenos de sua propriedade na Itália; das escavações feitas na zona de Veio provêm os numerosos achados etruscos hoje expostos no Museu Nacional do Rio de Janeiro, ao lado da esplêndida coleção de arte pompeiana que fazia parte de seu dote nupcial.

O nome da Imperatriz permaneceu ligado à “Coleção Teresa Cristina”, uma riquíssima reunião de incunábulo, livros raros e obras de arte de importantes autores italianos, doada ao Brasil por D. Pedro II depois da morte de sua esposa. Esta coleção bem como os achados do Museu Nacional e os objetos expostos no Museu Imperial de Petrópolis constitui hoje um dos maiores sítios arqueológicos culturais italianos fora do território nacional.

Para lembrar e homenagear de modo acessível à população a memória de Teresa Cristina algumas iniciativas na Itália e no Brasil foram tomadas por ocasião dos duzentos anos de seu

*ziona tra il nostro Paese e il Brasile, fu l’attività archeologica fatta svolgere dall’imperatrice in terreni di sua proprietà in Italia; dagli scavi eseguiti nella zona di Veio provengono i numerosi reperti etruschi oggi esposti nel Museo Nazionale di Rio de Janeiro, insieme alla splendida collezione d’arte pompeiana che faceva parte della sua dote nuziale. Il nome dell’imperatrice inoltre è rimasto legato alla “Collezione Teresa Cristina”, una ricchissima raccolta di incunaboli, libri rari e opere d’arte di importanti autori italiani, donata al Brasile da D. Pedro II dopo la morte della moglie. Questa collezione, insieme ai reperti del Museo Nazionale e agli oggetti esposti al Museo Imperial di Petrópolis, costituisce oggi uno dei maggiori giacimenti culturali italiani fuori dai confini nazionali.*

*A ricordare e a rendere in qualche modo popolare la memoria di Teresa Cristina hanno contribuito alcune iniziative in Italia e Brasile in occasione delle commemorazioni per i duecento anni dalla sua nascita. La maggiore rete televisiva brasiliana, la Globo, non poteva mancare a questo appello dedicando proprio all’imperatrice na-*



nascimento. A maior rede de televisão, a Globo, não poderia fazer ouvidos moucos a este apelo, dedicando à Imperatriz napolitana uma telenovela no horário nobre deste tipo de ficção televisiva. “Nos tempos do Imperador”, este o título da novela, foi idealizada em torno da figura de Teresa Cristina, interpretada pela excelente atriz ítalo-brasileira Leticia Sabbatella. Uma outra amiga, além de excelente historiadora italiana, apaixonada há anos pelo Brasil e por suas tradições históricas e culturais, Antonella Roscilli, contribuiu para a realização da produção televisiva-cinematográfica ofereceu suporte à Globo (e particularmente para a interpretação de Sabbatella) com seus preciosos conselhos e orientações de caráter histórico e literário.

A Itália fez também sua parte com diversas iniciativas e manifestações. Desejo aqui recordar somente uma, a bela exposição fotográfica montada na “Sala Portinari” da Embaixada do Brasil, em Roma, na esplêndida Piazza Navona. Na apresentação feita pelos curadores da exposição, rica de imagens inéditas da Imperatriz referentes ao período de sua partida e ao anos vividos no Brasil até sua morte em 1889, resta evidente como Teresa Cristina “por um lado empenhou-se em transformar o Rio de Janeiro em uma “República italiana das artes”, encorajando muitos artistas italianos a virem ao Brasil; por outro lado, paralelamente, promoveu a Itália como meta de estudos para os artistas brasileiros”. Uma verdadeira precursora da grande e belíssima história de amizade entre os nossos dois povos; uma estrada, essa percorrida pela “mãe dos brasileiros” que devemos tentar retomar e percorrer com o mesmo entusiasmo e determinação, justamente hoje que o mundo necessita como nunca de beleza e cultura, integração e pluralidade cultural.

*poletana una telenovela nell’orario di massimo ascolto di questo tipo di fiction televisive; “Nos tempos do imperador”, questo il titolo della ‘novela’, è stata costruita intorno alla figura di Teresa Cristina, interpretata dalla bravissima attrice italo-brasiliana Leticia Sabbatella. Un’altra amica, nonché una eccellente storiografa italiana da anni innamorata del Brasile e delle sue tradizioni storiche e culturali, Antonella Roscilli, ha contribuito alla realizzazione della produzione televisivo-cinematografica supportando la Globo (e in particolare l’interpretazione della Sabbatella) con i suoi preziosi consigli e orientamenti di carattere storico e letterario.*

*Anche l’Italia ha fatto la sua parte, con diverse iniziative e manifestazioni. Voglio qui ricordarne soltanto una, la bella mostra fotografica allestita presso la “Sala Portinari” dell’Ambasciata del Brasile a Roma, nella splendida cornice di Piazza Navona. Nella presentazione dei curatori della mostra, ricca di immagini inedite dell’imperatrice relative al periodo della sua partenza e agli anni di vita in Brasile, fino alla sua morte nel 1889, si evidenzia come Teresa Cristina “da un lato si impegnò a trasformare Rio de Janeiro in una “Repubblica italiana delle arti”, incoraggiando diversi artisti italiani a venire in Brasile; dall’altra, parallelamente, promosse l’Italia come meta di studio per gli artisti brasiliani”. Una vera antesignana della grande e bellissima storia di amicizia tra i nostri due popoli; una strada, quella intrapresa dalla “madre dei brasiliani” che dovremmo provare a riprendere e percorrere con altrettanto entusiasmo e determinazione, proprio oggi che il mondo necessita come non mai di bellezza e cultura, integrazione e multiculturalità.*

# Artigo

O ser humano vive hoje um mundo de incertezas e angústia. Todos sabemos que a vontade de Deus é que possamos crescer espiritualmente sempre, mas o que estamos vendo é um mundo verdadeiramente cruel, em que muita gente valoriza demasiadamente as coisas materiais.

Exemplo muito claro, atualmente, é a guerra que está ocorrendo envolvendo Rússia e Ucrânia, que tem deixado milhares de inocentes mortos, pelo capricho de um sanguinário que não vale nem a pena citar seu nome.

Sem entrar no mérito da questão, fica a angústia de ver, todos os dias, na mídia, novas notícias sobre o massacre indiscriminado de jovens, crianças e idosos que nem sabem ao certo por que estão morrendo.

Esse disparate nos traz à memória quando um turista americano, no século passado, foi até a cidade do Cairo com a finalidade de visitar um famoso sábio. O turista ficou muito surpreso ao ver que o sábio morava num quatinho muito simples, cheio de livros. As únicas peças de mobília

## Estamos involuindo?

João Roberto Sáes

Cadeira nº 45

eram uma mesa, uma cama e um banco. “Onde estão os seus móveis?”, perguntou o turista e o sábio olhou ao redor e perguntou: “E onde estão os seus?”. “Os meus?” surpreendeu-se o turista. “Mas eu estou aqui apenas de passagem”. E o sábio respondeu: “Eu também”.

E completou: “A vida na Terra é somente uma passagem, Contudo, muitos acham que vão ficar aqui eternamente. E se esquecem que somos seres espirituais, passando por uma experiência humana”.

“A vida é como um rio. Você nunca poderá tocar numa água mais de uma vez”. “Porque a água que passou não passará novamente”

Temos que viver intensamente a vida, procurando estar sempre bem com a família, com os amigos e, na medida do possível, ajudar aqueles que necessitam de ajuda.

Tenha quatro amores: Deus, a vida, a família e os amigos. Deus porque é o dono da vida; a vida porque é curta; a família porque é única e os amigos porque são raros. Pense sempre nisso.



# Filosofia

## Apolíneos e Dionisiacos

Isabel Pimenta Hernandes  
Membro honorário



Foto: divulgação

Ao reler o confronto entre os espíritos apolíneos e os dionisiacos, efetuado pelo filósofo alemão F. Nietzsche (1844-1900), lembrei-me de certa conversa que tive, há muitos anos, com meu amigo E. A. Von Buggenhagen, filósofo e professor da UNESP de São José do Rio Preto.

As associações entre os dizeres dos dois filósofos alemães citados tiveram, como pano de fundo, as diferenças entre o comportamento dos humanos iluminados pelo deus Apolo e o dos iluminados pelo deus Dionísio.

Infelizmente, uma frase de Buggenhagen – inserida em nossa agradável conversa, referente às fortes propensões do brasileiro com relação ao estético, não foi seguida de justificativas. Outros

assuntos vieram à tona, substituindo as considerações sobre o ético e o estético.

Devo a Nietzsche os esclarecimentos referentes às diferenças entre os dois deuses mencionados. Dionísio ou Dioniso para os gregos, conhecido com o nome de Baco pelos romanos, tem seu nome ligado às festas campestres, ao vinho, e à fecundidade. Ampliando os qualificativos que lhe assentam, temos a espontaneidade, a criatividade, a alegria (Nietzsche o associa à arte musical). Apolo representaria o deus da beleza, mas é preciso considerar tal beleza como simétrica, harmoniosa (Nietzsche o associa às artes plásticas). O primeiro responderia pelas forças instintivas; o segundo, pelas forças da razão. Nietzsche tem

forte propensão por Dionísio, mas reconhece o valor do deus da beleza plástica; abomina, contudo, a perda da força dionisiaca no teatro grego.

À luz do parágrafo anterior podemos considerar os dionisiacos como arrojados, imaginativos, exuberantes e, fato relevante, preservadores da espécie. Os apolíneos seriam dados à reflexão, às atitudes racionais, à vida sob medida; qualidades compatíveis com a vida ética. Não é a troca de nada que Nietzsche critica o patrono da Ética, Sócrates, que com seus valores radicalmente éticos, racionais, rejeita a fuga da prisão, submete-se a uma condenação injusta, diz sim à morte, quando deveria dizer sim à vida.

Voltemos, agora, sob inspiração nietzschiana, ao universo da brasilidade. Afinal, o brasileiro é ou não é francamente dionisiaco? Alegre, espontâneo, criativo, arrojado, enfim, instintivo? Alguma dúvida? Usufruímos os espetáculos carnavalescos todos os anos, repletos de corpos femininos sensualíssimos, com carne ou silicone devidamente distribuídos. Anunciam, dionisicamente, alegria, prazer, fertilidade, preservação da espécie e o fim das normas e convenções. Quanto ao samba, Nietzsche provavelmente o aprovaria.

Devemos romper com a verve do brasileiro e instalar o reino da seriedade, da eticidade em nosso país? Devemos, sem dúvida, eliminar os exageros estéticos que têm escravizado a alma das brasileiras. A afirmação do nosso querido poeta, Vinícius de Moraes, referente à indispensabilidade da beleza: “As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”, não deveria ser levada até suas últimas consequências. As mulheres do passado lutaram para retirar as brasileiras da condição de meros objetos. A independência, a autossuficiência, enfim, a liberdade, deveriam ser melhor aproveitadas.

A espontaneidade, a alegria e mesmo o anseio de beleza poderiam ser cultivados. Mas, certamente, do que mais precisamos, na conjuntura atual, é o cultivo dos valores éticos (bem, virtude,

responsabilidade, honradez, justiça...) e, se possível, do amor fraterno.



Foto: divulgação

# Ciência

## Um Cientista Patriarca da Independência do Brasil

Samir Felício Barcha  
Cadeira 05



Retrato de José Bonifácio de Andrada e Silva, por Benedito Calixto - Acervo do Museu Paulista.

Jovem, aos 20 anos de idade, José Bonifácio de Andrada e Silva foi para Portugal. Em 1789, ingressou na Academia Real de Ciências de Lisboa e no ano seguinte publicou seu primeiro artigo científico, sobre a pesca de baleias. Graças ao seu talento, recebeu ajuda do governo português para realizar várias viagens de estudos por países da Europa, aumentando seus conhecimentos em mineração e siderurgia.

Entre 1790 e 1791, estudou Mineralogia na França, tendo contato com René Haüy, fundador da cristalografia. Em 1791, ingressou na Sociedade de História Natural de Paris. Em 1792, estudou Mineralogia Prática e Geognosia em Freiberg, Saxônia (Alemanha), tendo sido aluno de Abraham Werner, o pai da Geologia Alemã.

O ápice de seus estudos se deu na Suécia e Noruega, onde visitou usinas de ferro e prata e escreveu a memória de suas observações, posteriormente publicada em francês e inglês. É nesse documento que ele registra a descrição física e química de quatro novos minerais nunca antes estudados: Petalita, Espodumênio, Criolita e Escapolita. Esse novo mineral Petalita, posteriormente, possibilitou a descoberta do elemento Lítio, pelo químico sueco Johan August Arfwedson, tornando José Bonifácio o único brasileiro a descobrir (indiretamente) um elemento químico. Descreveu ainda oito variedades de minerais já conhecidos, entre elas a Afrizita (atual Schorlita), a Wernerita e a Indicolita.

Como integrante de um grupo seleta de mineralogistas, em 1868 recebeu uma extraordinária homenagem do grande mineralogista J. Dana, tendo seu nome sido dado a um novo mineral - Andradita, em alusão ao sobrenome Andrada. Andradita é um mineral do grupo da Granada.

Entre as oito variedades de minerais que descreveu, aqui eu destaco a variedade do mineral Turmalina, por ele denominada Afrisita. Afrisita é uma Turmalina negra, hoje conhecida como Schorlita, bastante utilizada na indústria de joias, como brincos, anéis, pingentes, etc.

Esse nome, Afrisita, foi uma homenagem que José Bonifácio fez ao seu amigo, escravo liberto, chamado Afrisio, revelando, assim, sua tendência abolicionista.

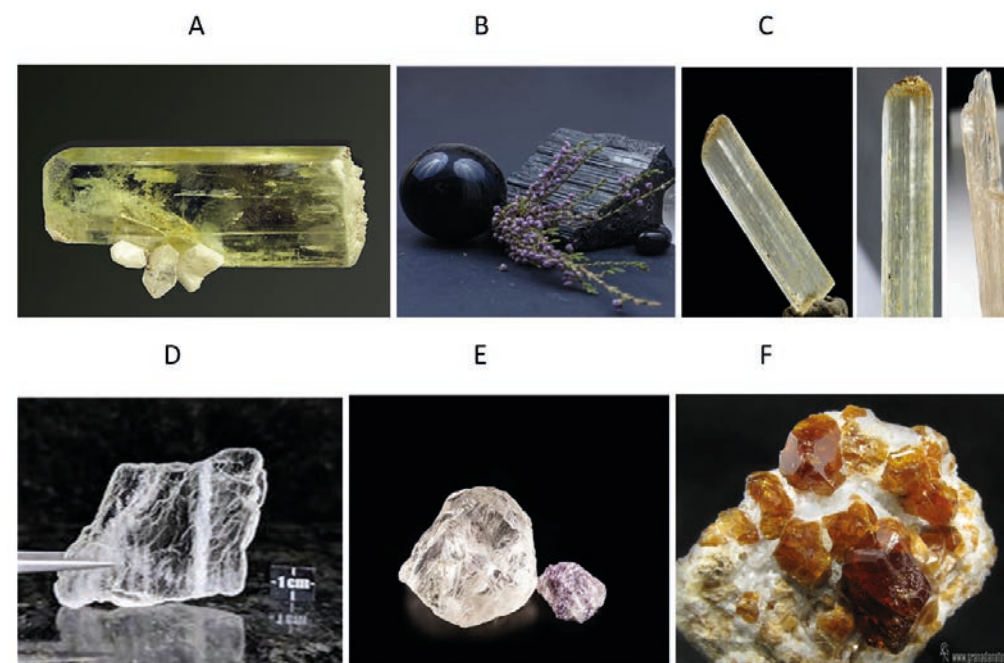
Quando a família real portuguesa fugiu para o Brasil, em 1808, ante a invasão das tropas de Napoleão Bonaparte, José Bonifácio permaneceu em Lisboa e integrou o 1º Batalhão Acadêmico de Coimbra, formado por 150 professores e 761 alunos. Lutaram e rechaçaram a tropa napoleônica do general Junot. Continuou trabalhando com pesquisa mineral, mas em 1819 voltou ao Brasil por ordem de Dom João VI, fixando-se em

Santos, sua cidade natal. Trabalhou com dois de seus irmãos até 1821.

Quando Dom João VI voltou a Portugal, José Bonifácio começou sua importante atuação de político e estadista, assumindo inicialmente a vice-presidência da Junta Governativa de São Paulo (no ano seguinte aconteceria a independência do Brasil).

Após seu falecimento, em 1838, a família doou suas diversificadas coleções ao Museu Imperial.

Ao comemorarmos, este ano, o segundo centenário da Independência do Brasil, a figura maiúscula de José Bonifácio pontifica-se. Muitos conhecem sua extraordinária biografia como figura dominante do Brasil Imperial. Porém, sua importância se estende pelo mundo das ciências físicas e naturais, gozando do respeito e da admiração dos mais ilustres cientistas do campo da Mineralogia.



- A. Espodumênio - do grego *spodumenos* (σποδοῦμενος), que significa "reduzido a cinzas", devido à aparência opaca e cinza do material refinado para uso na indústria.  
B. Afrisita - Homenagem ao negro liberto Afrisio.  
C. Escapolita - Do grego *skapos* (haste) + *lithos* (pedra), seu hábito prismático.  
D. Petalita - Do grego *πέταλον*, pétala, literalmente "folha" + *lithos* (pedra).  
E. Criolita - Do grego *κρύος*, (gelo) + *lithos* (pedra).  
F. Andradita - De Andrada, sobrenome de José Bonifácio.

# Artigo

## Os retratos de Mário

Rosalie Gallo y Sanches  
Cadeira nº 29

Chovia muito. Mais do que você, leitor, possa ter imaginado agora que está aí, sentado, a me ler. Chovia muito em São Paulo. Agora, por ter citado a cidade de São Paulo imagino que sua chuva tenha apertado. Era o dia 12 de dezembro de 1917 e chovia muito desde o dia de Finados. Estava proposta para estar aberta até o dia 11 de janeiro de 1918 a “Exposição de Pintura Moderna”, de uma jovem recém chegada da Europa e pouco conhecida do público. O salão cedido da Rua Líbero Badaró, 111, no centro de São Paulo a amigos da jovem pintora deveria atrair muito público para as 53 obras, esperava-se. Mas a chuva continuava forte.

Em determinado momento dois jovens encharcados adentram o local não se sabe bem se para se protegerem do aguaceiro ou para intencionalmente verem a exposição. Riam muito, como crianças que tivessem fugido de casa para brincar na rua, debaixo da chuva. Riam a ponto de perturbar a ordem. A ponto inclusive de perturbar a artista que se aproximou para os admoestar. Começava ali a grande amizade entre Anita Malfatti e Mário de Andrade.

Falar de cada uma deste par de gênios demandaria muito tempo e espaço, entretanto, para evitar rodeios e cansaços, informo que aqui me deterei a analisar alguns retratos feitos a Mário. Todos, porém, propulsionados pela força dos novos ares de Anita e de suas informações trazidas de Europa, em uma bagagem cultural que nada destrói. Em Paris tomara contato com o futurismo de Marinetti; conheceu as anteriores

tendências do Impressionismo e do Expressionismo, bem como vira surgir o Cubismo. E tudo isso viera com ela de volta ao Brasil.

Mário de Andrade assimilou-lhe as novas ideias fazendo-as frutificar até hoje. E como homenagem, lembraremos aqui seis retratos desse grande homem brasileiro em ordem cronológica de criação; este primeiro, da própria Anita, feito em 1921/1922.

Esta imagem, da coleção particular de Sérgio Fadel, é de importância fundamental para a pintura brasileira por ter sido o primeiro retrato feito por Anita do amigo que a prestigiara em sua exposição de estreia. Embebida das linhas retas em traços exagerados e das variadas cores inesperadas que o Expressionismo propunha, aliada ao Cubismo de Picasso, Anita provoca uma explosão que obriga Mário ao seguinte comentário: “Tons de cinza que eram minha tristeza sem razão... Tons de oiro que eram minha alegria milionária... Tons de fogo que eram meus ímpetos entusiásticos...”. Demonstração de como a artista havia conseguido ler seu íntimo. Mário expressava o sentimento que a cor representava. Era, portanto, o Expressionismo apresentando a realidade por meio de cores vibrantes e sobretudo distorção violenta do modelo original.



Foto: divulgação

Ainda envolvida pelas novas teorias artísticas europeias e sofrendo claras influências do Expressionismo, Anita volta a retratar o amigo, neste mesmo ano de 22, usando agora linhas mais suaves e cores mais próximas à sensibilidade retratada, deixando transparecer em outra vertente de sentimento o tom dramático do retratado.

O uso de amarelo, símbolo de luz solar, convive com o azul do firmamento que cobre o peito de Mário e envolve toda a cabeça trazendo o olhar do espectador à testa iluminada. As poucas cores utilizadas neste segundo exemplo (azul, amarelo e alaranjado) denotam a intenção da artista em não desviar a atenção do espectador da figura central. Circundado de azul como cobertura externa de seu corpo (paletó, barba, bigode e cabelos) Mário se nos apresenta ladeado de alaranjado, cor resultante da mistura do amarelo (luz divina) com vermelho (paixão).



Foto: divulgação

Chevalier e Gheerbrant, em seu Dicionário de Símbolos (24ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 2009) ressalta que “No par amarelo/azul, o amarelo, cor masculina, de luz e vida, não pode tender para o esmaecimento. ... É ele o veículo da juventude, do vigor, da eternidade divina”. O azul, por sua vez, é a mais profunda das cores. Pode-se nele mergulhar até o infinito “onde o real se transforma em imaginário”. Para os autores, o vermelho simboliza universalmente a vida, sua força, seu poder e seu brilho, por isso considerado uma cor feminina.

Cirlot (Dicionário de símbolos, 2ª edição, São Paulo: Moraes, 1984) também explana sua teoria de significados para a cor azul - a cor do espaço, do céu - e a cor amarela - a cor do sol que chega de longe, que surge como mensageira da luz por entre as trevas, como a cor da intuição.



Foto: divulgação

Vale aqui expor uma proporção matemática: azul : amarelo :: verde : vermelho onde se lê que azul e vermelho são cores femininas e amarelo e verde, masculinas, o que significa que o alaranjado em que se vê Mário mergulhado é a mistura das forças femininas (amarelo e vermelho), contrapondo-se ao masculino azul que, embora sem o contraponto do verde, impõe-se ao olhar do espectador por ser uma cor vibrante, profunda e marcante.

Apresentada a Mário pela amiga Anita, Tarsila, que se encontrava na Europa por ocasião da Semana de Arte Moderna realizada em fevereiro de 1922, retrata-o da seguinte forma:

Menos chocante, mas não menos intrigante, a artista pinta Mário em um azul quase total escapando da cor apenas o rosto, a pouca camisa branca e as manchas em tom sépia. Novamente, a predominância do azul a expor a sensibilidade do retratado. A formalidade da vestimenta, como nos quadros anteriores é justificada pelo fato de Mário habitualmente usar terno e também pelo fato de o retrato ainda estar ligado à formalidade acadêmica que trazia os modelos masculinos quase sempre em trajes sociais. A ruptura com o passado não estava ainda escancarada.



Foto: divulgação

Cinco anos depois foi a vez de Lasar Segall retratar Mário. Lituaniano, o artista trazia em sua formação, as bases europeias das Artes em voga e as tendências acentuadas das formas recentes da Pintura.

Embora apresente linhas retas e fortes, características do expressionismo e muito exploradas pelo Cubismo, Segall as atenua em forma de painel quase monocromático, não fosse o pequeno quadrado vermelho (paixão) como o foco de atenção do retratado, a simbolizar seu interesse não judaico, diverso da formação do artista. Ainda temos a formalidade da vestimenta. Mais tarde Mário diria que o quadro trazia à tona a forte personalidade russa do artista e seu misticismo judeu, fato que o levou a potencializar no quadro o pólo negativo do escritor ao declarar que “ele pegou o que havia de perverso em mim, de pervertido, de mal, de feiamente sensual. A parte do Diabo.” Admitamos, a pintura de Segall é mais leve, menos dramática, mais próxima da realidade, apesar do rosto muito longo e afinado.

Com Segall, Mário manteve estreitos laços de amizade por toda a vida, como o fez com um jovem brasileiro, descendente de italianos, lançado no mundo das artes paulistas. Era nada menos que Cândido Portinari, recém chegado do interior do estado e trazendo em sua bagagem experimental, a experiência do imigrante branco que viera substituir a mão de obra escrava negra, liberta de havia pouco. Entre os artistas permanecerá a rivalidade pelo apreço do amigo Mário

Se a Segall coube expor a face diabólica de Mário, segundo ele mesmo, caberia a Portinari retratá-lo, oito anos depois, em ambiente genuinamente brasileiro e em seu lado angelical: céu noturno a clarear mas ainda com o brilho das estrelas, balões ao ar, pessoas caminhando na linha do horizonte, casinha do interior do país (ou de Brodovski?) com um mastro do santo protetor. Mário sem óculos, como a dizer “não preciso deles para ver o meu

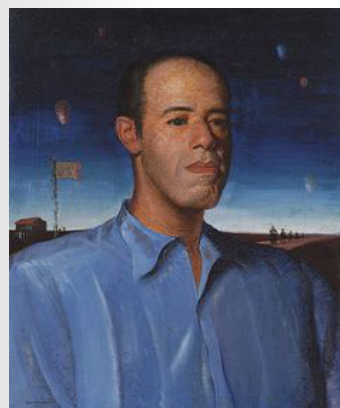


Foto: divulgação

país”. Retira-lhe o terno sisudo veste-o de camisa azul. O rosto não é muito diferente do real: olhos pequenos, queixo proeminente, corpo em proporções imensas em relação ao todo, mostrando-lhe a importância para o cenário brasileiro. Essa a imagem que Portinari fazia do amigo retratado, como previsão do futuro antevisto.

Mais quatro anos seriam passados para que viesse à luz um outro retrato de Mário, feito agora por Flávio de Carvalho. Era o ano de 1939. Mário completara 45 anos e Flávio fez questão de lembrá-lo de que o tempo passara. Usou borrões, excesso de tinta e deu à tela a textura da pele envelhecida do gênio Mário de Andrade. Restaram-lhe o terno azul, já desbotado, a solene gravata sobre a camisa branca, os óculos, as mãos inertes. O fundo já se mostra bastante obscuro, pastoso, diríamos, como costuma ser o desconhecido. A calva testa de tom marmóreo e o olhar parado, perdido, parecem ser de um defunto. Era o retrato de um Mário desiludido, cansado, desgostoso, enrugado. A luz amarela emanada anteriormente em outros retratos da figura do escritor transferira-se para o encosto da cadeira, como a preannunciar que Mário necessitasse de apoio divino. Uma composição toda desgastada pelo tempo.

Assim estava o criador do herói sem nenhum caráter. A esta situação estava reduzido o jovem Mário Sobral de **Há uma gota de sangue em cada poema**. Tão moço e tão velho.

Naquele ano de 1922 cinco jovens fizeram um pacto de amizade pela cultura brasileira. Eram eles Anita Malfatti, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia. Era o “Grupo dos cinco”. Anita apaixonara-se por Mário,



Foto: divulgação

que gostava de Tarsila que se enamorou e se casou com Osvald.

Foi convivendo com esta indelicada situação

de vida que, com certeza e de maneira gentil, para preservar os nomes de todos os amigos que Drummond escreve, em 1930:

### Quadrilha

*João amava Teresa que amava Raimundo  
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili  
que não amava ninguém.  
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,  
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,  
Joaquim suicidou-se e Lili casou-se com J. Pinto Fernandes  
Que não tinha entrado na história.*

Mário morreu em 1945; Osvald o seguiu em 1954; Anita em 63; Tarsila em 73 e Menotti em 88. Morreram solteiros Anita e Mário, de amores desencontrados. Morreram perto de hoje, perto

de nós, porque os gênios não têm idade. Eles sobrevivem ao tempo.

Rosalie Gallo

Fevereiro de 22, um século depois.

### REFERÊNCIAS

**Figura 1** – Anita Malfatti, 1921/22

Óleo sobre tela / 51 X 41cm

Coleção particular de Sérgio Fadel

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1376/mario-de-andrade-i>.

**Figura 2** – Anita Malfatti, 1922

Mário de Andrade II, 1922.

Carvão e pastel sobre papelão / 36,5 x 29,5 cm.

Coleção Mário de Andrade – Instituto de Estudos Brasileiros USP/SP

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2050/retrato-de-mario-de-andrade>

**Figura 3** – Tarsila do Amaral, 1922

Óleo sobre tela / 54 X 46cm

Acervo Artístico-cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo. Palácio Boa Vista, Campos do Jordão/SP

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2318/retrato-de-mario-de-andrade>.

**Figura 4** – Lasar Segall, 1927

Óleo sobre tela, c.i.e. / 60 X 72cm

Coleção de Artes Visuais do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (São Paulo)

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1489/retrato-de-mario-de-andrade>.

**Figura 5** – Cândido Portinari, 1935

Óleo sobre tela, c.i.e. / 60 X 73.5cm

Coleção de Artes Visuais do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (São Paulo/SP)

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1945/retrato-de-mario-de-andrade>.

**Figura 6** – Flávio de Carvalho, 1939

Óleo sobre tela, c.i.d. / 80 X 111cm

Pinacoteca Municipal / Centro Cultural São Paulo

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1411/retrato-de-mario-de-andrade>

# Biografia

## Jovita Alves Feitosa No teatro das heroínas da Pátria

Hygia Therezinha Calmon Ferreira

Cadeira 31

### Cenário nº 1: Jovita, no Teatro da Guerra do Paraguai

Começamos por indicar passagens, em que o **teatro da guerra**<sup>3</sup> é citado.

Segundo informa Carvalho, J. M. C.<sup>4</sup> crítica, no *Jornal do Commercio* (14 set. 1865), “dois dias antes da decisão da Secretaria da Guerra”, “(...) a presença da jovem Jovita Alves Feitosa nas fileiras do 2º Batalhão de Voluntários do Piauí”, em festas na Corte, em locais frequentados pela sociedade, além de ter recebido apoio do presidente do Piauí. Outra referência de Carvalho aparece no *Diário do Rio de Janeiro* (9 jan. 1867), pelo fato de Jovita ter viajado, no vapor *Galgo*, com “(...) varios militares, oficiais e praças, muitos deles inválidos”. E continua J. M. C.: “Como não há razão alguma para justificar uma visita sua a Santa Catarina, cabe supor que ela tenha ido a Montevidéu, isto é, perto do **teatro da guerra**. O que teria ido fazer lá?”

Sob o comando dos ditadores, Carlos Antônio López e Francisco Solano López, seu filho, o Paraguai reage à ameaça de ataque às suas fronteiras, aprisiona o vapor de bandeira brasileira, *Marquês de Olinda*, e invade a província de Mato Grosso. O alvo seguinte é a República Argentina, país que se mantinha neutro.

<sup>3</sup> Todas as vezes em que o teatro da guerra aparecer, seja no texto da autora, seja em citações, virá em negrito.

<sup>4</sup> José Murilo de Carvalho cita “texto de um J.M.C.” (o negrito é nosso), mas não identifica a abreviação do referido nome.

Passados 174 anos do nascimento de Jovita, como ficou conhecida Antônia Alves Feitosa (1848-1867), encontramos, em *Jovita Alves Feitosa: Voluntária da pátria, Voluntária da morte*, de José Murilo de Carvalho,<sup>1</sup> motivos para considerá-la obra-chave ao nosso propósito principal, que é o de homenageá-la.

Textos de outros notáveis escritores serviram de base para este nosso estudo,<sup>2</sup> que faz parte de um ensaio, em preparo. Destacamos, ainda, o historiador Pedro Calmon.

Mostraremos quem é Jovita, em três cenários: no Teatro da Guerra do Paraguai, no Teatro da Vida e no Teatro do Mundo.

<sup>1</sup> José Murilo de Carvalho é historiador, cientista político e Membro da Academia Brasileira de Letras. Seu trabalho de resgate da vida de Jovita, intitulado *Jovita Alves Feitosa: Voluntária da pátria, Voluntária da morte*, São Paulo: Chão Editora, 2019, é inspirador, pela coleta exaustiva do material, detalhamento e acuidade, imprescindíveis para quem pesquisa o século XIX e a nossa homenageada. Através de Carvalho, um dos mais respeitados pesquisadores de temas ligados à Memória Nacional, chegamos mais próximos à história oficial, sustentada em documentos, informes da época e respectivos autores.

<sup>2</sup> As obras citadas neste estudo procedem do acervo da autora e de sua família. Trata-se de um resgate de importante período histórico, artístico e cultural, da segunda metade do século XIX, época de D. Pedro II. Como critérios básicos, mantivemos a ortografia, a acentuação e a pontuação de cada original consultado. Pela relevância do tema, a pedido da Academia de Letras dos Municípios Cearenses (ALMECE), onde recebi o título de Acadêmica Correspondente, nas cidades de São José do Rio Preto e Nova Granada, Estado de São Paulo, este texto foi publicado na XII Coletânea da ALMECE – 35 Anos / 1985-2020 p. 133 a 138.

A chamada Tríplice Aliança, assinada em Buenos Aires, no dia 1 de maio de 1865, por representantes de Brasil, Uruguai e Argentina, dá início à campanha contra o Paraguai. López arma-se de novo, pronto para o reinício, no **teatro da guerra**.

Ressaltamos outro fato relevante.

Em 7 de janeiro de 1865, é criado o Corpo de *Voluntários da Pátria*.

Jovita, como *Voluntária da Pátria*, no Teatro da Guerra do Paraguai, requer, de nós, um retrospecto em sua biografia.



### JOVITA ALVES FEITOSA

Inscrita no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria Imagem do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IL 1223), doada por Laurênio Lago, em agosto de 1938. Cf. José Murilo de Carvalho, op.cit.

### Cenário nº 2: Jovita, no Teatro da Vida

Nos campos da batalha do Paraguai, sob as ordens de oficiais brasileiros graduados e seus ajudantes, misturam-se médicos, engenheiros-geógrafos, recrutados e voluntários, dentre outros.

Juntos, enfrentam inimigos, fome, doenças. Muitos ficam para trás, feridos ou mortos, pelo fogo intenso ou pelo *cholera-morbus*.

Há controvérsias sobre Jovita ter estado no **Teatro da Guerra do Paraguai**.

Nascida em Brejo Seco, hoje Tauá, Estado do Ceará, no dia 8 de março de 1848, Jovita Alves Feitosa tem uma infância nada fácil.

Um dos fatos que marcam sua vida, profundamente, é a morte da mãe, Maria Rodrigues de Oliveira, em 1860, pelo *cholera-morbus*. O pai, Simeão Bispo de Oliveira, continua morando em Brejo Seco, com outros filhos. Jovita está com, apenas, doze anos de idade. A Guerra do Paraguai teria início cinco anos depois.

No mês de dezembro de 1864, Jovita segue de mudança para Jaicós, Estado do Piauí, para morar na casa de seu tio Rogério. Jovita parte em direção a Teresina, a fim de candidatar-se ao posto, acompanhando um grupo de comandados do capitão Cordeiro. No início de julho, está na capital, onde, no dia 9, é interrogada por José Manuel de Freitas.

Durante o referido interrogatório, ao qual compareceu vestida de homem e com os cabelos cortados, apresenta-se como Antônio. Descoberta a farsa, revela seu nome verdadeiro, Antônia Alves Feitosa. O fato de ser mulher não atrapalha, porque sabe lidar com armas, desde criança. É corajosa, destemida, acha-se apta para a luta.

No dia 16 de setembro de 1865, José Murilo de Carvalho registra, em *“Cronologia”* sobre Jovita, um *“Despacho do ajudante-general do Exército (...)”*, vetando sua incorporação como combatente, na Guerra do Paraguai. O referido



despacho é acompanhado por uma carta do Ministro da Guerra, José Antônio Saraiva, justificando o ato.

Um duro golpe, que acaba causando uma reviravolta, na vida de Jovita. A partir daí, ela passa a ser reconhecida e admirada como *Heroína da Pátria*.

### Cenário nº 3:

#### Jovita, no Teatro do Mundo

O cenário da Corte, no Rio de Janeiro, atrai Jovita, jovem descrita como de “traços Indígenas e africanos”, numa versão (Cf. Sisno de Fashera, *in* Carvalho, p. 64-65). É quando conhece aquele que seria o grande amor de sua vida e seu amante, o galês Guilherme Noot (ou William Noot), engenheiro da Companhia City Improvements.

O romance dura pouco. Guilherme Noot viaja para Southampton. Jovita, inconformada, comete suicídio, com um punhal. A realidade dura,

insuportável, põe fim aos seus sonhos. Morre no dia 9 de outubro de 1867, no quarto de Noot, poucas horas depois de ser, por ele, abandonada. Seu corpo é sepultado no Rio de Janeiro.

O nome **Jovita** transpõe fronteiras, dos séculos XIX, XX e início do século XXI.

Como *Heroína da Pátria*, e figura com fortes ideais românticos, poderia ter sido protagonista em obras de Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis, para ficar nesses exemplos.

Jovita, que quis ser *Voluntária da Pátria* para defender mulheres brasileiras, vilipendiadas e mortas pelos paraguaios; que quis lutar por um mundo igualitário, contra excessos, crueldades e desigualdades sociais, merece o título, dado por nós, de *Benemérita dos Brasileiros*. A eloquência de seu gesto repercutiu e chega, aos nossos dias, com força e vigor. Justifica-se, dessa forma, ter seu nome inscrito no *Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria*, Brasília-DF, 27 de março de 2017.

# Artigo

De tempos em tempos a vida me coloca perante a obra dessa compositora carioca quase anônima, cuja escrita musical me fascina, dado seu poder de evocação espiritual. Em meu primeiro encontro com a música de Eunice Katunda (1915 - 1990), já havia sentido uma provável ligação entre sua alma artística e forças oriundas de mundos sobrenaturais. Apesar de a conexão estar aparentemente implícita no título da peça<sup>1</sup> que estava preparando para um recital, na época não pude me ater em estudos sobre a trajetória de sua vida; ou nas origens extra-musicais que supostamente poderiam ter influenciado seu estilo sintético e extremamente refinado de compor. No ano passado, deparei-me com outra obra sua<sup>2</sup>, e os pressentimentos anteriores foram reavivados de maneira intensa. Ao iniciar a leitura da partitura ao piano, fui novamente capturada pela força de sua energia evocativa; tive a nítida sensação de que o espírito que veladamente a permeia é de natureza africana. Por que então, não me aprofundar em sua história, na história de sua arte? Pois, para executar uma música desconheço outro caminho que não seja o de me debruçar, analiticamente, nos contornos rítmicos e melódicos das vozes que se entrelaçam e que traçam, com expressiva dramaticidade, a “trama” sonora de uma partitura musical.

Nascida Eunice do Monte Lima, na cidade do Rio de Janeiro, durante sua juventude foi uma militante política em favor de causas artísticas e sociais. A compositora, também pianista, regente e professora, desenvolveu extensa pesquisa etnomusical no

<sup>1</sup> *Duas cantigas das águas* - inserida em sua coletânea intitulada “Estro Africano n. 1”, para canto e piano, composta em 1957.

<sup>2</sup> “Sonata de Louvação”, escrita para piano solo em 1958, e revisada em 1967.

## Eunice Katunda e o Afro-Brasileiro

Araceli Chacon

Cadeira nº 39

Brasil<sup>3</sup>; como pianista, divulgou peças compostas “segundo os procedimentos composicionais mais modernos da época” (ZANI; SILVA; CANDIDO, 2019: 117). Para entendermos a importância e o valor histórico de Eunice Katunda para a música erudita brasileira, é necessário lembrarmos que, apesar de nossos compositores inserirem no final do século XIX melodias folclóricas em seu material temático - ou fazerem alusões a elas nos títulos de suas obras -, a estética sonora por eles apresentada permanecia imbuída de forte espírito europeu, puramente romântico, até o início do século XX. Como exemplo, podemos remeter o leitor à audição da emblemática obra de Antônio Carlos Gomes (1836 - 1896), a ópera “O Guarani”.<sup>4</sup> Portanto, foi a partir de pesquisas posteriores que iniciamos a caminhada rumo a uma “identidade sonoro-musical” em nosso consciente coletivo; uma sonoridade fundamentada em nossas próprias raízes, mais condizente com nossas origens, e traços culturais. No âmbito da música erudita, não podemos deixar de citar como fatores marcantes para essa construção histórica:

- a repercussão da música de Heitor Villa-Lobos (1887 - 1959) exposta ao público paulista nos recitais da Semana de Arte Moderna de 1922<sup>5</sup>;

<sup>3</sup> “Katunda estudou manifestações culturais brasileiras em diversas regiões do país. O seu currículo, elaborado por ela própria, detalha suas viagens de pesquisa.” (HOLANDA, 2006: 144)

<sup>4</sup> Baseada na novela *O Guarani: Romance Brasileiro*, escrita por José de Alencar em 1857, a ópera de Carlos Gomes teve sua estréia em 1870, no Teatro *La Scala*, de Milão.

<sup>5</sup> Dentre as apresentadas no evento, podemos mencionar a peça “Danças características africanas”, composta em 1916.

Aponte a câmera ao QRCode e leia a Kapiiuara nº 8





- as pesquisas realizadas e compiladas por Mário de Andrade (1893 - 1945) em sua obra de cunho didático: “Ensaio sobre a Música Brasileira” em 1928 - englobando as facetas rurais, afro-brasileiras e ameríndia de nossa etnia folclórico-musical -, tornaram-se diretrizes para a formação de uma escola nacionalista de composição erudita;
- 
- a chegada ao país na década de 40, do músico alemão Hans-Joachim Köllreutter (1915 - 2005), disseminando novos valores estéticos sonoros e modernas técnicas composicionais<sup>6</sup>, que resultavam em sonoridades díspares àquelas propagadas pela corrente nacionalista.

deste do Brasil... especificamente aos estados de Alagoas e Bahia. (ZANI *et al*, 2019: 124).

Em seu texto “A Bahia e os Brasileiros”, publicado em 1952, Katunda diz:

É a Bahia viva, onde as tradições fazem parte da vida diária do povo, que me faz formular aqui esse desprezioso e brasileiríssimo apelo para que não permitamos que a tradição seja delegada aos museus, entregue à poeira dos arquivos, como já tem acontecido em outros países da América Latina... A Bahia é o alimento necessário para todo artista que realmente deseja produzir algo de profundamente brasileiro. (KATUNDA *apud* HOLANDA, 2006: 143-4).

Realmente, o interesse e o grau de envolvimento da compositora com a cultura afro-brasileira<sup>9</sup>, e com estudos etnomusicológicos foi de tal ordem que, durante as viagens foram coletados e musicalmente anotados: cantos típicos e ritmos empregados nos rituais de candomblé, nas festas populares das cidades pesquisadas, nos cultos afro-brasileiros, entre outros. (ZANI *et al*, 2019: 124). Em uma de suas viagens à Bahia, Eunice conhece o fotógrafo, etnólogo e grande pesquisador da cultura africana, o francês Pierre Verger (1902 – 1996) que acabou se radicando naquele estado em 1946, dada a riqueza de manifestações artístico-culturais afro-brasileiras encontradas por lá. E dessa afinidade, brotou a grande amizade entre os dois artistas. De acordo com documentos publicados pela pesquisadora alemã Dra. Angela Luhning, que at-

da sede do Partido Comunista (PC) [do Rio de Janeiro], na década de 1950. Sua colega, Maria Deonice Costa (RIBAS, 2002, p. 5), conta que a compositora errou de andar e de sala em certa ocasião, escapando de uma batida policial ao PC naquele dia. Encarando como um sinal, Eunice passou a frequentar a STB, atuando como redatora dos boletins Dhâranâ, tradutora dos mantras, regente do coral e professora.” (ZANI *et al*, 2019: 124).

<sup>9</sup> “A compositora chega a ser batizada num terreiro como Filha de Oxum”. (ZANI, *et al*, 2019: 124).

ualmente se especializa no afro-brasileiro<sup>10</sup>, em carta datada em 22 de fevereiro de 1956 a compositora se dirigiu ao fotógrafo, nesses termos:

Sou uma compositora e pianista brasileira que andei por vários caminhos em busca de minha música. Avancei pela escola dodecafônica e recuei a tempo, reconhecendo que nem ali se encontrava a identidade de minha natureza com a música. E afinal vim a encontrar a fonte que sempre me atraía e que reside no centro mesmo dessa tradição africana que, em nós, é mais forte que tudo o mais, e que continua viva e pura nos ritmos, nos gestos, na alegria bárbara e pungente desse candomblé baiano onde se abriga uma música de pureza comparável àquela música tão longínqua e no entanto tão próxima de nós, brasileiros: a música grega, primitiva... foi essa descoberta maravilhosa, feita agora na Baía, exatamente no momento em que necessitava dela, por me encontrar em plena fase de criação (mergulhada na composição de uma música para teatro, baseada num velho conto da tradição nagô-brasileira), que me impulsionou a escrever-lhe. (KATUNDA *apud* LUHNING, 2020: 2).

Nessa declaração percebemos a preocupação que Eunice tinha de encontrar, internamente, um estilo próprio de expressar a latente “brasilidade” que habitava sua alma. Podemos também inferir que em meados da década de 50 a temática suscitada nas discussões, e nas atividades propostas pela Semana de Arte Moderna de 1922 sobre o que seria uma identidade nacional, ainda permanecia; pelo menos no que diz respeito à sua vertente musical.

Fiquei extremamente feliz de conhecer, mesmo que minimamente, um pouco da fascinante história de Eunice Katunda. E, creio que o trabalho realizado

<sup>10</sup> Diretora responsável pelo setor de pesquisas da Fundação Pierre Verger, em Salvador; doutora em Etnomusicologia pela Universidade de Berlim (1989), e professora titular da Escola de Música da UFBa na área de Etnomusicologia, desde 1990.



por essa apaixonada compositora brasileira, amante da cultura africana, estendeu o escopo das pesquisas etnomusicais documentadas por Mário de Andrade no início do século XX; além de registrar e enriquecer - por meio de suas composições - a história de nosso acervo sonoro. Constatei ainda que minhas sensações e percepções intuitivas sobre as forças anímicas que possivelmente regiam a música de Katunda procedem, encontrando eco nas palavras deste notório pesquisador da cultura Africana no Ocidente: “[Katunda era] uma pessoa capaz de ‘escrever [em partitura]’ as músicas de candomblé com grande facilidade.” (VERGER *apud* LUHNING, 2020: 5).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOLANDA, Joana Cunha de. Eunice Katunda (1915-1990) e Esther Scliar (1926-1978): Trajetórias individuais e análise de Sonata de Louvação (1960) e Sonata para piano (1961). Tese (Doutorado) – UFRGS, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/6604>. Acesso em 18 nov. 2021.

LUHNING, Angela. Eunice Katunda e Pierre Verger: documentações pessoais, processos criativos e diálogos afro-brasileiros nos anos 1950 e 1960. OPUS, [s.l.], v. 26, n. 1, p. 1-29, jun. 2020. ISSN 15177017. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2020a2609>. Acesso em: 31 jan. 2022

PEIXOTO, Melina de Lima. A obra para canto e piano de Eunice Katunda: Três momentos. Tese (Doutorado) – UFMG, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/AAGS-7XNLEU>. Acesso em: 20 jan. 2022.

ZANI, Amílcar; SILVA, Eliana Monteiro da; CANDIDO, Marisa Milan. A composição de Eunice Katunda no contexto político e musical brasileiro. EXTRA-PRENSA, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 114-137, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/157504/155179>. Acesso em: 24 out. 2021

<sup>6</sup> Dodecafonia: também chamado de sistema de doze sons, consiste numa técnica criada pelo compositor austríaco Arnold Schoenberg (1874 – 1951) em meados de 1930, que se utiliza dos doze sons da escala musical fugindo, no entanto, do sistema tonal e da harmonia tradicionais.

<sup>7</sup> Em depoimento pessoal a Kater [Katunda] declarou que tinha no *Ensaio sobre a música brasileira* seu predileto livro de cabeceira. (KATER *apud* PEIXOTO, 2009: 8)

<sup>8</sup> “Eunice encontrou a Sociedade Teosófica Brasileira (STB) por acaso, já que a entidade se localizava no mesmo prédio



# Artigo

## Soberba não faz bem

José Luiz Balthazar Jacob

Cadeira nº 28

Fico surpreso com alguns chamados intelectuais que parecem ter o desejo de nos surpreender ou chocar com suas afirmações. Me impressiona o fato de seus artigos ou palestras serem repetidos pelos leitores como se fossem grandes e surpreendentes novidades.

Acredito ser um direito de qualquer pessoa ter a crença que desejar. No entanto, penso que para se apregoar as próprias crenças ou negar aspectos que fazem parte da crença de outros é necessário ter certeza de não se estar reinventando a roda.

Li há meses um artigo que chamou minha atenção por iniciar parecendo que iria se tratar de um texto com características muito modernas, inclusive com alusões a temas científicos e física quântica, mas que foi se estreitando até terminar de forma a nada acrescentar e unicamente por manifestar a descrença do autor em Deus e, conseqüentemente, na vida eterna.

Para isso houve menções a obras científicas

recentes, sem abordar sua essência; depois, surpreendentemente, se ateu aos movimentos de translação e rotação da Terra, que são conhecidos por qualquer criança que frequente a escola. A comprovação do Heliocentrismo é sabida por todos. Não há qualquer dúvida de que a Terra é um mero planeta.

Estranho é ao longo do artigo afirmar que “podemos estar de cabeça para baixo e não sabermos”. Não é verdade. Se o Universo é infinito, não tem como ele (Universo) estar especificamente em cima, em baixo, nas laterais ou adiante ou atrás de nós. Ele é tudo. Portanto, quando a Terra faz seu movimento de rotação, ela o faz em relação ao Sol e ninguém fica de cabeça para baixo. Teremos apenas o dia e a noite. Só ficamos de “ponta cabeça”, como se diz, quando estamos na referida posição em relação ao solo sobre o qual estivermos. Quem estiver de cabeça para baixo e não perceber tem alguma séria deficiência. Dentro de uma nave espacial ou acima da

atmosfera o ser flutua, pois não existe a força de gravidade. Mesmo assim, um tripulante só pode dizer que está de cabeça para baixo tomando o piso da aeronave como referencial. Em relação ao Universo ele continua sem qualquer ponto de referência. Porém, essas são condições totalmente diferentes das que vivemos quando estamos em nosso humilde planeta. Humilde porque tentam diminuí-lo, mas extremamente importante em minha opinião.

Outro fato surpreendente é o recente “surgimento” de inúmeros filósofos, o que faz que a afirmação categórica de acontecimentos futuros não leve em conta o IMPONDERÁVEL, que é o grande viés de todo o viver. Há pouco mais de 2 anos, um desses filósofos disse e a repercussão foi mundial, que havíamos eliminado a fome; que a possibilidade de uma nova guerra era “absurda e afastada” e só ocorreria se surgisse um louco; por fim, afirmou que o homem teria de mudar radicalmente dentro da própria profissão a cada 10 anos no máximo. Repetir com admiração suas afirmações se tornou quase uma obrigação para seus aficionados. Vamos aos fatos: Ele não previu a pandemia pelo Corona vírus e isso fez aumentar muito a fome no mundo; ele não deve se preocupar muito com as demais profissões, pois um médico que não se atualizar ao longo de 5 anos se torna “metade de um médico” ou até menos; por fim, preocupado em desacredi-

tar Deus, ele se esqueceu de que as guerras não surgem porque as armas existem, mas porque inúmeros fatores, principalmente o poder econômico, é que as causam. Acertou apenas ao dizer que seria necessário um louco, mas se esqueceu de que o mundo está cheio deles, de Loucos por Poder. Por isso, estamos vivendo o temor de um conflito nuclear e o terror da guerra entre Rússia e Ucrânia tão insana e abominável como todas as outras. Portanto ele disse o óbvio, parecendo ter feito algo notável.

Para terminar, creio que se deva ter cuidado ao elaborar novidades ou surpresas, pois julgo que caracterizar a eternidade do homem apenas por um ou mais livros escritos, filhos gerados, árvores plantadas ou liberdade para declarar sua opção sexual seja muita soberba em relação aos seus “produtos” pessoais ou uma necessidade mórbida de demonstrar seu ateísmo. A tentativa de desacreditar Deus, perigosa e traiçoeira pretensão, faz que diminuam o significado da vida e a importância do homem. Depende de qual julgamento faz de si a pessoa que escreve ou fala e, obviamente, a pessoa que o ler ou ouvir. Tem gente que fica admirada e passa a repetir esses denominados filósofos.

Um moderado grau de humildade nos pretensos dons faz bem à própria pessoa e ao seu entorno, principalmente porque os recebemos gratuitamente!



# Biografia

## Minha nova paixão

Araguai Garcia

Cadeira 04



No começo de 2020 embarquei para os Estados Unidos pretendendo ficar por um mês em um apartamento à beira-mar, na intenção de aprimorar meu inglês e inspirar-me por outra cultura.

Reservei concertos, restaurantes, festival de flamenco e museus. Era uma experiência que eu nunca tinha tido e sempre me frustrei por não ter feito intercâmbio na idade ideal, 16 ou 17 anos.

Infelizmente tive que abortar esse projeto por conta da pandemia que se apresentava. Tudo fechou e foi cancelado.

Ao retornar para Rio Preto deparei-me com a grande paranoia. O atelier "Loça do 31" compartilhado com a artista Cristiana de Freitas, que ocupava um andar inteiro de um edifício no centro da cidade, não me parecia mais um lugar seguro. Tinha que compartilhar o elevador e também os manobristas do estacionamento. Por isso resolvi trazer todo o ateliê para minha residência, já que

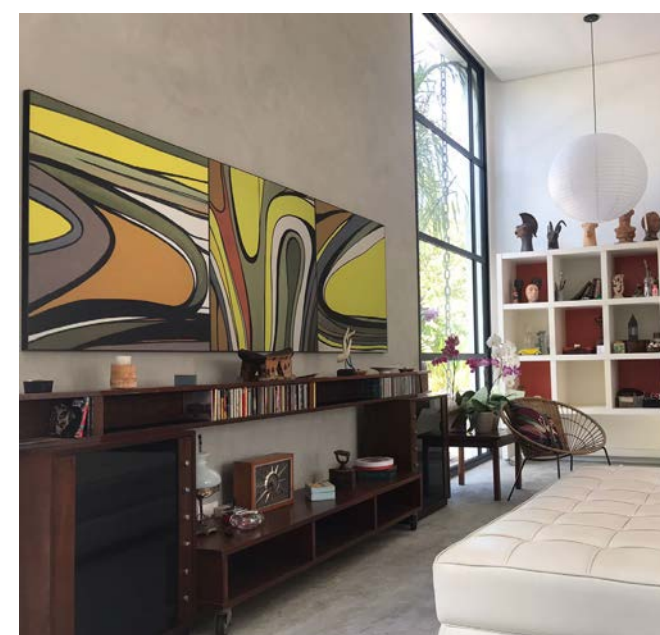
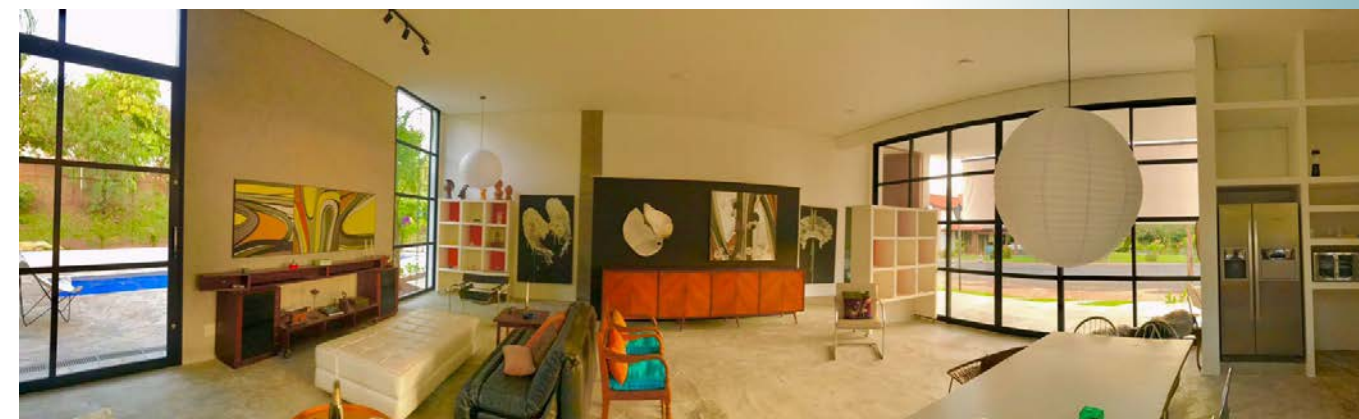
ela oferecia espaço suficiente. Como consequência, criei um ambiente caótico.

Sendo assim resolvi que construiria uma casa nas dependências da AGERIP. O condomínio é seguro e muito silencioso. Bucólico e inspirador.

A construção demorou um ano exatamente. Quando ficou pronto foi inaugurado com muita comemoração. Ali estavam todos os amigos que couberam naquela noite. Como são muitos, decidi que farei outras comemorações.

A casa foi projetada para ser um lugar com bastante parede, ou seja, conceito aberto mas com o pé-direito muito alto e entrada de muita luz.

Não poderia ser mais adequado a um atelier d'artista. Futuramente eu irei morar nela. Mas enquanto o futuro não chega, vou continuar morando na casa onde estou e usando-a como o atelier mais silencioso e bucólico que conheço. Minha nova paixão.



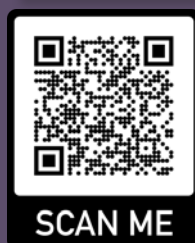
O endereço é: **Al. Das Hortências nº 5**. Assim sendo, já está batizado com o nome **"Casa 5"**.

# Relação de integrantes da ARLEC (julho/2021)

Em negrito: patronos atuais. Os demais: ocupantes de cadeiras cujos patronos faleceram.

- 1. Romildo Sant´Anna**
2. Patrícia Reis Buzzini (Patrono: Alfredo Leme Coelho de Carvalho)
- 3. Agostinho Brandi**
- 4. Araguaí Garcia**
- 5. Samir Felício Bracha**
- 6. Cecília Demian**
- 7. Salvatore D´Onofrio**
- 8. Lelé Arantes**
- 9. Wilson Daher**
- 10. Maria Helena Curti**
11. Elma Eneida Bassan Mendes (Patrono: Domingo Marcolino Braile)
- 12. Jocelino Soares**
13. Cleber Junio Falquete (Patrono: Zêqui Elias)
14. Norma Vilar (Patrono: Antonio do Nascimento Portela)
15. Pérsio Marconi (Patrono: Edson Vicente Baffi)
- 16. Luiz Dino Vizotto**
- 17. Dulce Maria Pereira**
- 18. vaga**
19. Loreni Fernandes Gutierrez (Patrono: Alexandre Caballero)
20. Aguinaldo Gonçalves (Patrono: Guillermo de la Cruz Coronado)
- 21. vaga**
- 22. Waldner Lui**
23. Ângelo Soares (Patrono: Jayme Signorini)
- 24. vaga**
- 25. vaga**
26. Eudes Quintino de Oliveira Júnior (Patrono: Adib Abdo Muanis)
- 27. Antonio Manoel Santos Silva**
- 28. José Luiz Balthazar Jacob**
- 29. Rosalie Gallo y Sanches**
- 30. Humberto Sinibaldi Netto**
- 31. Hygia Therezinha Calmon Ferreira**
- 32. Lézio Júnior**
- 33. Paulo César Naoum**
- 34. Vera Márcia Paráboli Mllanese**
- 35. vaga**
36. Nídia Puig Vacare Tezine (Patrono: Nivaldo Paschoal Carrazone)
- 37. vaga**
- 38. Paulo de Tarso**
- 39. Araceli Chacon Sobrinha**
- 40. Sônia Oliani**
41. Toufic Anbar Neto (Patrono: Antonio Carlos Del Nero)
- 42. Antonio Florido**
- 43. Paulo Coelho Saraiva**
- 44. Alberto Gabriel Bianchi**
- 45. João Roberto Saes**

Aponte a câmera ao QRCode e leia a sua Kapiiuara predileta!



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME



SCAN ME

Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

